
3 1761 06568462 3

GRUTAS D'ALCOBAÇA

"POR MANUEL VIEIRA NATIVIDADE"

Anjarinho gr.

Grutas de Alcobaça

Grutas de Alcobaça

DO AUCTOR

O Mosteiro d'Alcobaça, notas historicas — **1885.**

Gottas d'agua, versos — **1886.**

Roteiro archeologico de Alcobaça e coutos — **1890.**

Note ethnographique sur les chiffres usés dans les pressoirs d'olives dans l'arrondissement de Alcobaça — **1891.**

La taille du silex au XIX siècle — **1891.**

A Batalha de Aljubarrota, carta ao snr. Oliveira Martins — **1891.**

PORTVGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

EXTRACTO DO TOMO I, FASCICULO 3

Com muito respeito
o autor

M. VIEIRA NATIVIDADE

Grutas de Alcobaça

MATERIAES PARA O ESTUDO DO HOMEM



PORTO
IMPRENSA MODERNA
1901

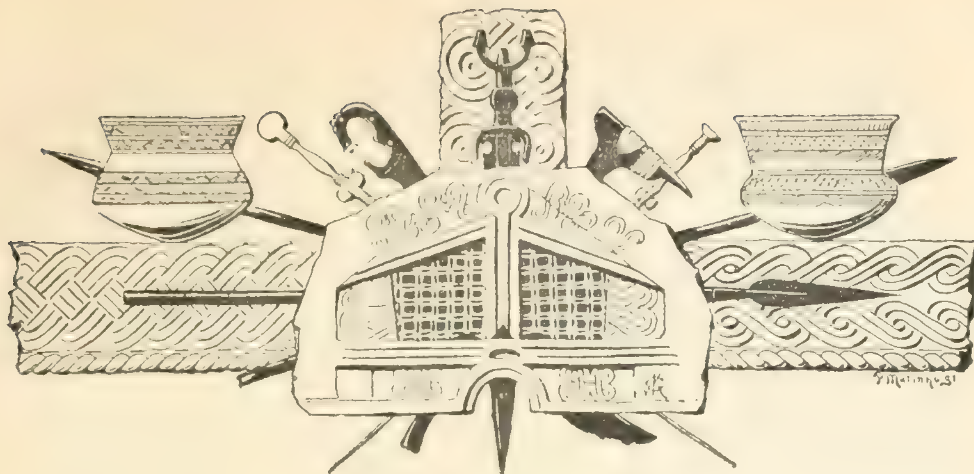
Foi publicada na revista PORTVGALIA a parte d'este trabalho comprehendendo os capitulos II, III e IV.

A meus Filhos

Este pequeno e despretencioso livro desejaria eu que fosse, no futuro, o prologo de um bom livro onde vós expozesseis as vossas descobertas e documentasseis o vosso amor pelo estudo.

É este o mais ardente desejo do vosso

Pae.



I

**Valor das terras de Alcobaça perante a archeologia.
Estações das diversas edades archeologicas**



esume-se toda a zona oriental do concelho de Alcobaça num elevadissimo afloramento de calcareo jurassico, que se encurva em diversas direcções, dando ao solo uma graciosa accidentação. As apparentes planuras são cortadas por extraordinarios desnivelamentos. As rochas núas, cruamente oxydadas, manchadas de microscopicos e variados likens, dão a esta paisagem uma dolente poesia. A flora jurassica, numa grande riqueza de perfumes, cheia de resinas e sequiosa de agua, cresce rasteira e triste, afogada em luz, sem sombra que a proteja. Raros e symbolicos carvalhos, os gigantes desta região, levantam-se e avultam, como testemunhas impassiveis, mas saudosas, de matagaes que já não existem.

Enormes monolithos, tristemente aprumados, esbatem-se nos fundos cinzentos da paisagem, e escuros algares aqui e além, abrem friamente a sua guéla sombria e ameaçadora. Nem o murmurio de um rio, nem o gargalhar de uma fonte.

Foi nesta região que o homem neolithico passando um dia, ou seguindo uma manada de caça, ou fugindo a invasão vencedora, achou os naturaes abrigos, que a

natureza, por um capricho não entendido, fabricára no fundo dos mares e ordenára no cume dos montes, para mais tarde abrigar aquelle que havia de ser o rei da creação.

E uma vez achados installou-se nelles. O bosque dava-lhe a caça, as rochas trazidas de longe davam-lhe as armas. Os elementos de defeza ia-os elle fabricando pacientemente, numa grande preoccupação de arte, — onde a esthetica já tinha leis — mas sem a vaga ideia de que, milhares de annos depois, essas armas haviam de ser vistas, admiradas, interrogadas, e haviam de constituir riquissimos museus, onde, milhares de vezes, se tentaria resolver os grandes mysterios da sua vida e os grandes segredos da sua origem.

Na zona oriental do concelho de Alcobaça (objecto do meu estudo) e especialmente no Carvalhal de Aljubarrota, assistiu o homem ao desfilar de diversas evoluções da restante humanidade, e ahi deixou, rigorosamente documentados, os periodos mais nitidos da sua existencia. E esses documentos, que affirmam a marcha progressiva da civilisação, attestam que o homem, succedendo-se em vida sedentaria, ahi se manteve desde o lascar do silex, ao fundir do bronze, ao temperar do ferro. Succedeu-se ininterrompidamente, e, podemos acredital-o, o homem do Carvalhal de hoje, é o directo representante do troglodita que ha seis ou dez mil annos lascava o silex, e caçava o veado, o lobo e o javardo nos planaltos adjacentes ás suas grutas.

No Carvalhal de Aljubarrota assentou uma riquissima povoação neolithica; e tão grande que numa facha de terreno de curtissima extensão foram exploradas vinte grutas, além de outras que estão por explorar, e, com certeza, muitas que estão por descobrir.

Em provaveis relações se manteriam os habitantes das grutas que assentam numa facha do meu concelho, que deve medir cinco leguas de extensão, e porventura muito para além dos concelhos visinhos, em cujo estudo não entro. E essas pacificas relações, mais ou menos comprovadas pelas notas do seu viver sedentario, por o elevadissimo deposito de algumas das suas grutas, pela abundancia de instrumentos dispersos que tenho colligido, deviam concorrer poderosamente para o estudo completo do homem neolithico, se esses estudos em Portugal tomassem o desenvolvimento que merecem.

E antes de entrar na exposição e analyse dos meus trabalhos devo declarar que este pequeno estudo não é destinado aos eruditos: — é para os homens da minha aldeia, para os meus collaboradores, para aquelles que, num desinteressado trabalho, concorrem tão poderosamente para a collecção de archeologia prehistorica, a que eu chamarei: — Collecção de Alcobaça.

Antes de apresentar o relatorio dos trabalhos de exploração, desejo deixar esboçado, e em harmonia com os resultados geraes do meu estudo, o valor archeologico desta abençoada terra.

O homem neolithico chegou ás terras de Alcobaça, e não importa, neste momento, saber donde nem como. Alojou-se nas grutas que lhe abriam a bocca protectora, e nellas entrou com o machado de schisto encabado num pedaço de chifre arrancado ao ultimo boi abatido, lança de silex presa com filamentos a qualquer haste de pau cortada nos renovos da floresta, arco a tiracolo, flechas com ponta de silex, e, pendentes do pescoço, collares feitos de variadissimas contas, conchas furadas e presas das ultimas feras vencidas. Da pelle da fera ou do ruminante fabricava a sua cobertura e dos ossos mais espessos, desnudados e resistentes, fizera provisão para mais tarde transformar em armas e desdobrar em utensilios.

Trazia como prendas: — rudimentares conhecimentos de ceramica, a arte de talhar o silex, de polir os machados, de cortar e alindar o osso, e de gravar na loiça vagos esboços de ornamentação.

Caçava o veado, o lobo, o javardo, que sustava na carreira com um tiro de flecha bem dirigido, e que acabava a golpes de lança ou porventura de grandes maças de pau ou de pedra.

Esboçava grosseiras e incomprehendidas gravuras em delgadas placas de schisto e ardosia, e o mysterioso triangulo surgia nos seus desenhos, e esboçava-se por vezes nos productos da sua industria.

Praticava a tatuagem para dar á sua pelle, vellosa e escura, extraordinarias côres de garridice, e o vermelho e amarello constituiam, seguramente, as suas côres predilectas.

Foi neste estado de progresso que o homem chegou ao Carvalhal, e é a este estado que começa a referir-se o mobiliario que achei junto dos seus restos informes, mobiliario, por vezes, riquissimo.

Chegado assim installou-se. A colonia, porventura grande, ou, mais tarde, por crescimento da colonia inicial, não cabia na gruta. A natureza previdente mostrava-lhe outras, fronteiras e visinhas; a colonia desenvolveu-se, e de engrandecimento em engrandecimento e de gruta em gruta, vivia visinha uma importantissima povoação.

Como consequencia desse desenvolvimento, romperam necessidades, e a divisão do trabalho, como lei organica e fatal, devia surgir, como sempre, explendorosa, e havia de praticar-se inconscientemente.

O fabrico das armas não era para todos; requeria aptidões que nem todos teriam. Os moradores do *Cabeço da Ministra* e *Calatras*, transformam as suas grutas em verdadeiras officinas, e a arte prehistorica attinge ali maravilhosos progressos.

A região não tinha silex para as lanças, facas e pontas de flecha, nem schisto para os machados. Não importava, elle viria; e vinha longe, talvez dos cretacicos de Rio Maior ou dos rapidos afflloramentos de Nazareth ou S. Martinho. O schisto estava mais longe; estava pelo menos entre o *Nabão* e o *Zezere*, mas de lá vinha

tambem e cá era transformado em potentes armas de um polido irreprehensivel. O que eu não sei é donde lhe vinha a ribeirite, com que fabricavam as contas, nem a fibrolithe para os graciosissimos machados. O azeviche vinha de perto, traziam-n'o talvez de onde hoje assenta a Batalha, ou porventura dos grandes desnivelamentos do Livramento, junto a Porto de Mós. A diorite viria do norte em demorada e longa travessia, esboçando ainda grosseiramente as bases do largo commercio.

E depois a permuta de rochas por instrumentos acabados devia praticar-se: —a necessidade levaria uma pedra onde tivesse que se receber uma arma. As officinas neolithicas attestam-n'o e se não houvera permuta não existiriam officinas.

E neste estado se passariam muitos seculos, e se succederiam muitas gerações.

Depois, ou como producto de suggestões trazidas de longe, ou como producto de evolução natural, formaram-se e floresceram sentimentos, surgiram e vincularam-se religiões melhor ou peor entendidas, mas com um certo cunho de graciosissima originalidade.

Da vaga abstracção do sonho surge a religião dos mortos; e o respeito pelos mortos, verdadeiro producto de uma vida mental, acha-se demonstrado na *Pena da Velha* e *Cadoiço*, duas importantes grutas funerarias.

Temos pois o homem do Carvalhal com o respeito pelos mortos, a mais curiosa nota de superior intelligencia, e achamol-o ainda com os primeiros traços da religião da *Força* (que a tempo exporei) sobre que assentaria, talvez, os primeiros passos da dignidade, propriamente humana, visto que impunha os seus direitos de dominador e de rei da creação com que, mais tarde, havia de se exornar. E quando defino assim, é por que vejo que a força e o valor, synonimos que symbolisam os factores de uma inebriante aspiração que se chama gloria ou vaidade, foram sempre as causas que levaram o homem a vencer, desde a lucta pela vida, directa, cruel, indispensavel, até ás ultimas notas de um convencionalismo, não sei se diga mal entendido, que o levaram a estabelecer fronteiras, a distinguir nacionalidades e a manter suppostos direitos que, fundamentalmente, não são a rigorosa expressão do direito e da justiça.

É certo que o espirito do homem ensaiava vôo nas azas mais do que nunca nebulosas de transcendente e que a sua vida mental se ia esboçando grosseiramente.

Das pedras apropriadas e escolhidas talhava e polia os instrumentos indispensaveis aos seus trabalhos. Ia colleccionando formas, ia inventando e adaptando outras. O machado, a enxó, a goiva, o cinzel, a lança e a flecha tomavam, por vezes, as linhas mais graciosas e mais delicadas; e esta selecção e este acabamento deixa vêr claramente a preoccupação do bello.

Durante longos seculos por ahi foi arrastando a sua vida, entre as cruezas da caça e, raras vezes, entre as curiosidades da pesca.

A agricultura, com seguros conhecimentos de panificação, surge numa phase

muito pouco nitida do homem do Carvalhal, documenta-se na gruta da Ervideira, e adivinha-se em ignoradas estações de Chiqueda.

A gruta da Ervideira dá a colonia de pescadores e agricultores, e, até este momento de reconhecimento das estações de Alcobaça, não achei outras que se refiram a esta phase de progresso.

As edades metallicas, numa energica superioridade, avultam ao longe e veem-se approximando.

Não importa, por emquanto, para este estudo — saber quando, nem como, o primeiro machado ou a primeira lança de cobre, armas novas da rubra côr do fogo, vieram trazer o espanto á colonia neolithica do Carvalhal. E digo assim, porque não será facil demonstrar, se a nova edade chegou como uma barbara e devastadora conquista, ou se foi substituindo a edade neolithica de um modo moroso, evolutivo, natural. Nas terras de Alcobaça, e pelas conclusões dos meus trabalhos, as armas de cobre nunca substituiram completamente as armas de pedra.

Cabeço da Ministra, *Pena da Velha*, *Rastinho* foram as unicas grutas do Carvalhal que me deram instrumentos de metal, podendo affirmar-se para os das duas primeiras uma origem quasi seguramente romana. *Rastinho* e *Ministra* (baixas) dão instrumentos de cobre ligados a instrumentos de pedra.

A *gruta de Redondas*, typicamente da edade do cobre, deu duas laminas de silex e dois machados de schisto com obliteração de gume, o que indica diversa adaptação, talvez a de polidores.

Nos relatorios referidos a cada uma se póde vêr as condições do deposito.

Outro tanto não posso affirmar nas proximidades de Turquel, onde parece que a nova edade se definiu de uma forma mais accentuada, mais duradoura, e porventura mais positiva. Exceptuo *Redondas*, unica estação que tenho estudado.

A povoação, nas proximidades de Turquel, estende-se por pequenos planaltos de preferencia agricultaveis, e esta predilecção concorreu bastante, a meu vêr, para a raridade e destruição de objectos que possam documentar um seguro estudo.

É certo que não fiz um estudo nitido desta região, nem ao menos um reconhecimento scientifico que me possa elucidar sobre todos os jazigos archeologicos, mas a minha opinião é baseada em muitos objectos colhidos, avulsamente, e muito em especial sobre a estação de *Redondas*.

Os instrumentos que mais podem caracterisar as edades de cobre ou de bronze, são indiscutivelmente os machados, instrumentos capitaes, e será por elles ou por outros caracteristicos verdadeiramente typicos que eu classificarei as diversas localidades. As edades metallicas em terras de Alcobaça terão portanto que ser estudadas em toda a zona oriental de Evora e Turquel, depois muito ao norte, *Cazaes de Santa Thereza*, e em concelhos adjacentes, de que tenho conhecimento e objectos,

desde Cerro Ventoso a Alvados, a unir em Arrimal, na vertente oriental da serra de Molianos.

A grande necropole do *Chão do Gallego* deve pertencer a edades metallicas, embora nenhum instrumento tenha achado nas sepulturas que explorei.

Nos terrenos adjacente a *Fonte Santa* e *Carris* apparecem objectos de cobre e bronze, como a tempo exporei.

Vejamos agora a procedencia dos machados de cobre da collecção de Alcobaça.

Valle de Ventos............	dois machados e um pedaço de outro, de cobre, figs 222, 223
Carvalhal de Turquel.......	um machado de cobre, fig. 225
Redondas (gruta)...........	dois machados de cobre, figs. 218, 219
Arrimal....................	dois machados de cobre, fig. 217
Evora......................	um machado de bronze, incompleto
Fonte Santa................	um machado de bronze, fig. 237
Mosqueiros (baixa) Carvalhal.	um machado de cobre, fig. 221
Casaes de Santa Thereza....	dois machados de cobre, fig. 224
Cerro Ventoso..............	uma lança de cobre
Alvados....................	uma ponta de flecha em cobre

Ao cadinho do fundidor sei que foram parar machados de cobre, provenientes de *Carris, Fonte Santa, Evora, Carvalhal de Turquel, Arrimal, Cerro Ventoso, Alvados, Porto de Mós.*

As muitas sepulturas que tenho explorado em terras de Alcobaça, não estão subordinadas a qualquer orientação, a não ser em *Chão do Gallego*, que notei haver o predominio L. O. São ellas invariavelmente formadas por quatro lages originando uma caixa rectangular, quasi sempre cuidadosamente coberta. Em nenhuma achei documentos archeologicos, excepto nas francamente romanas.

No *Carvalhal de Turquel* foi estudada, pelo meu illustrado amigo José Diogo Ribeiro, uma sepultura referida ás edades metallicas, e por elle obtidos para a minha collecção quasi todos os objectos que ella continha. Um par de brincos de orelha (fig. 202), restos de um vaso, ossos humanos e um pequeno estilete.

Na quinta do meu amigo Bernardino Pereira de Sousa, junto de Alcobaça, foi achada uma sepultura e junto de restos humanos, seis braceletes de bronze, que vão figurados nos n.os 226, 227, e que por elle graciosamente me foram offerecidos.

Braceletes, e contas de fio de ouro, tenho conhecimento de terem apparecido em Famalicão, Carris, Alcobaça e Boavista.

Por todo o concelho surgem numerosos objectos archeologicos, mas que em geral se não podem datar. Ha pontos onde elles se veem accumulando e confundindo até aos primordios ainda mal definidos da historia.

A edade do ferro, a não ser uma gruta de pequeno deposito: — *Casa da Genia* — Carvalhal de Aljubarrota, não se acha estudada nas terras de Alcobaça, e creio até que, na maior parte, se confundirá com os depositos luso-romanos. Pelo menos assim tem succedido nos logares estudados no Carvalhal.

No *Lombo dos Ferreiros*, pequena aldeia, com curiosas designações adjacentes, e proximo da necropole do *Chão do Gallego*, encontram-se diversos vestigios de uma povoação metallurgica.

Os fornos de fundição (?) verdadeiros cylindros ocos de argilla endurecida, e cravados perpendicularmente no solo repetem-se nos Valles do Carvalhal, Charneca da Boavista, etc.

O periodo luso-romano é que me parece ter tido em terras de Alcobaça uma constante e larga existencia. Sobre a epigraphia romana, veja-se a *Monarchia Lusitana* e o meu livro «*O Mosteiro de Alcobaça*». Todavia os monumentos epigraphicos não abundam. Os documentos numismaticos são relativamente vulgares. Convém estudar o tumulo romano achado perto de Alcobaça — Vallado — que está no museu archeologico do Carmo.

O periodo luso-romano não está estudado, embora por toda a parte se achem valiosos documentos.

Da *quinta da Ferraria*, proximo de Santa Catharina, veio uma pequena *candela*, um *estylete de cobre*, uma conta de vidro negro e algumas moedas.

Nas proximidades do Barrio e num logar chamado Peirretas são frequentes as sepulturas romanas, e algumas ali tenho explorado. Numa dellas colligi quinze contas de vidro e restos de alfinetes de cobre.

Os primeiros documentos luso-romanos que colligi vieram de duas grutas do Carvalhal — *Cabeço da Ministra* e *Pena da Velha*.

Num pequeno planalto que fica a poente do grande Valle do Carvalhal, e numa propriedade do meu dedicado collaborador José Ferreiro, apparecem frequentemente productos de industria romana, e, numas excavações que elle ha pouco fez, pôz a descoberto muitos alicerces antigos. Procedendo a demoradas pesquizas colligiu e offereceu-me os seguintes objectos: — uma fibula de cobre (fig. 199), outra de bronze (fig. 201), uma ponta de flecha de cobre (fig. 186), um instrumento egual á actual *recartilha* (fig. 208) e uma travinca de bronze; uma pequena placa de micaschisto com buraco para suspensão; diversos objectos de ferro pertencentes a varias alfaias agricolas, uma chave (*clavis laconica*), diversas especies de ceramica, e um curioso vaso (n.º 150).

O mais precioso objecto achado por este meu benemerito collaborador foi uma estatueta delicadissima da *Victoria*, a tentadora deusa da mythologia romana (fig. 228-229).

A graciosa attitude dessa figura é duma singelleza que encanta.

A corôa da gramineas que sustenta na mão direita, cujo braço se levanta

numa bellissima naturalidade, deixa vêr a falta de outra figura, que de joelhos recebesse a almejada corôa. A corôa de gramineas é dos guerreiros, e é o guerreiro que falta para completar um delicioso e valioso quadro.

O que é mais notavel é que na gruta de *Mosqueiros* (alta) foi achado um supporte de diorite polida, de secção elyptica, que, na sua face superior apresenta duas cavidades, numa das quaes se adapta perfeitamente a parte inferior da *Victoria*. Este facto leva-me a crêr que aquelle supporte irreprehensivelmente polido seja o pedestal dessa pequena obra de arte.

Antes que, neste periodo, os homens executassem difinitivamente as suas habitações no estreito planalto que do Carvalhal se estende a Aljubarrota, parece deduzir-se, pela successão do cobre ao neolithico e do romano ás primeiras edades metallicas que elles teriam seguro conhecimento das grutas a ponto de as frequentarem e deixarem nellas seguros indicios da sua passagem. As proprias designações de *Ministra* e *Calatras* me parecem de origem romana.

Eu creio até que no Carvalhal, durante o dominio romano, e não só no Carvalhal, mas na maior parte do nosso paiz, a equivalencia de progresso desta ou daquella estação, não esteja perfeitamente conjugada com outras que lhe são contemporaneas. E não só nesse periodo mas em todos os de uma, relativamente, pequena duração, isso devia acontecer, como ainda hoje em que a ethnica de uma villa qualquer se não pode comparar com as das aldeias visinhas.

No Carvalhal apparecem ainda as telhas romanas, a moenda, *mola manuaris*, etc.

Quaesquer documentos mais valiosos, a existirem, deve ser a uma grande profundidade, attendendo á geologia desta pequena zona. É ella abrigada a poente por uma grande elevação de argilla ferruginosa que assenta sobre um extenso dorso de grés. Os naturaes trabalhos de erozão, juntos aos da agricultura, teem formado uma espessa camada protectora.

Não devia esta estação ter assimilado todo o fulgor da civilisação romana, porque, nem ao menos teve, que se conheça até hoje, nem mesmo pela tradição, o luxo da epigraphia.

II

Relatorio dos trabalhos de exploração nas diversas estações neolithicas das terras de Alcobaça

Da minuciosa analyse com que procedi aos trabalhos de exploração nas diversas grutas do meu concelho, resultou divídil-as em grupos de que estudarei os typos principaes, afim de não dar a este estudo um desenvolvimento que julgo dispensavel, e mesmo porque a importancia relativa do excesso de minuciosidade para nada serve, a meu vêr. Importa estudar bem, com muita nitidez, com muita probidade, os typos principaes, e abandonar as que nada mais fazem do que repetir outras e muitas.

Assim, das quarenta e tres grutas exploradas até hoje no concelho de Alcobaça, fallarei com minuciosidade das que forneceram objectos menos vulgares, e das que, pelos seus documentos e especial disposição, constituem typo de habitações prehistoricas da que eu chamarei: — *Provincia archeologica de Alcobaça*. E fazendo assim, a ellas poderei referir os posteriores trabalhos de explorações que tenciono fazer nesta abençoada terra.

Todos os trabalhos de exploração foram feitos com o maior cuidado e a elles presidiu a mais rigorosa observação.

Não é este pequeno livro um cartão de agradecimento, mas não posso deixar de mencionar aqui a boa vontade com que os alcobacenses me auxiliaram com diversos donativos, e a generosidade com que muitos amigos coadjuvaram a obtenção de exemplares para a minha collecção. Entre outros lembrarei os srs. José de Almeida e Silva, Antonio Moreira, José Coelho da Silva, Ataliba Pereira de Sousa, Bernardino Pereira de Sousa, Dr. José Baptista Zagallo, José Diogo Ribeiro, José Ferreiro e Raymundo Ferreiro, sendo este o mais decidido e enthusiasta companheiro de trabalho, e com certeza um dos mais dedicados directores dos trabalhos

de exploração e de reconhecimento. A elle e a meu pae devo, incontestavelmente, a descoberta da maior parte das grutas.

Vejamos pois os diversos grupos em que dividi as grutas exploradas e quaes os caracteres que as distinguem.

PRIMEIRO GRUPO. — Grutas com grosseiro mobiliario neolithico, incluindo grosseira ceramica. Laminas de silex com predominio de espessa secção triangular. Lanças de silex. Machados de schisto. Ausencia completa de objectos de adorno. Dentes de urso. Typo: — LAGOA DO CÃO.

SEGUNDO GRUPO. — Bocca da gruta meio obstruida por grandes pedras. Grutas funerarias, com extraordinario predominio de ossos humanos em toda a altura do deposito. Raros objectos de adorno, raros machados, abundancia de laminas de silex. Dentes caninos, de *canis* e *felis*, raras vezes com buraco de suspensão. Restos de boi, veado, porco e coelho. Typo: — PENA DA VELHA.

Subordinadas: — *Cadoiço* — *Calatras* (baixa) — *Calatras* (media) — *Portella do Valle de Espinho.*

TERCEIRO GRUPO. — Bocca da gruta defendida com pedras grosseiramente cimentadas, deixando a entrada num plano muito superior ao pavimento. Rico mobiliario neolithico. Grande variedade de instrumentos de silex de bom e delicado acabamento. Machados, enxós, goivas, cinzeis de schisto. Muitos objectos de enfeite: contas de ribeirite, azeviche, schisto, calcareo, etc., conchas furadas. Substancias corantes para tatuagem. Placas de schisto, ardozia e micaschisto com gravura e buraco de suspensão. Ceramica ornamentada. Polidores pequenos de grés. Buris, raspadores, nucleus, laminas de silex, e muitos restos de silex de refugo. Caninos de *felis* e *canis* com buraco para suspensão. Typo: — CABEÇO DA MINISTRA.

Subordinadas: — *Calatras* (alta) — *Mosqueiros* (alta) — *Valle da Lapa* — *Milharada* — *Valle do Touro* — *Valle de Ventos* — *Zambujinho* — *Valle da Figueira.*

QUARTO GRUPO. — Conhecimentos de panificação, e portanto de agricultura. Moendas de grés e ophite do typo primitivo. Predominio de instrumentos de osso. Raros silices retocados. Ceramica grosseira e sem ornamentação, mas abundantemente perfurada. Vida simultanea de caça e de pesca. Machados imperfeitos. Raros silices. Typo unico: — ERVIDEIRA.

QUINTO GRUPO. — Instrumentos de cobre. Raros instrumentos de pedra. Abundancia de vasos com diversas formas. Placas de schisto com dois buracos para suspensão. Typo: — REDONDAS.

Subordinadas: — *Rastinho* — *Cabeço da Ministra* (media e baixa).

SEXTO GRUPO. — Pequeno mobiliario. Vasos cuidadosamente trabalhados ao torno de oleiro. Instrumentos de cobre. Contas de vidro esmaltado. Typo unico: — CABEÇO DOS MOSQUEIROS (baixa).

SETIMO GRUPO. — Instrumentos de ferro. Restos de grandes vasos de muito espessas paredes. Esculpturas em osso. Typo unico: — CASA DA GENIA.

PRIMEIRO GRUPO. Lagoa do Cão.—*Gruta I.*

O nome desta gruta advem do logar em que está encravada, uma pequena aldeia serrana, que corôa as eminencias da encosta oriental do grande valle do Carvalhal, numa das grandes curvaturas para poente, onde perde o nome de Carvalhal para o trocar por o de Chiqueda.

Dou-lhe o nome generico de *gruta*, competindo-lhe, aliás, o de *algar* attendendo á sua especial disposição.

A entrada pequena e irregular, estabelecida pelo afastamento natural de dois bancos calcareos, estende-se num plano horisontal de tres metros, para cahir verticalmente numa altura de dois. Ahi começava o deposito, que assentava em plano rapidamente inclinado. Grandes rochas cahidas sobre o pavimento indicam desabamentos internos, em tempos porventura proximos da epoca em que foi habitada.

Da exploração dos primeiros cortes sahiram raros restos humanos, ossos de boi, veado, porco e cabra, pedaços de grosseira loiça e um pequeno vaso (fig. 160) que parece não ter soffrido a acção intensa do fogo, porque a brandura da sua pasta é tal que, molhando-o se vê pouco a pouco o desagregar de substancia. Creio que não soffreria a acção demorada e intensa do fogo, e que fosse simplesmente endurecido por uma longa exposição ao sol.

Nos cortes subsequentes, que não poderam ser feitos com grande nitidez, appareceram laminas de silex de espessa secção triangular, raras de secção trapesoidal, e muitas com cuidados retoques (fig. 62) lanças de silex (figs. 6, 7, 9, 11) e muitos restos de loiça de impossivel reconstituição, e raros machados de schisto.

Nos ultimos cortes, onde se repetiram todos os caracteristicos referidos, foram achados quatro dentes caninos de urso, sem outro despojo osteologico pertencente a esse animal.

O mais extraordinario desta gruta é o achado de silices alterados, similhantes aos que appareceram nas cavernas de Fate, em Finalmarina, Italia, e de que tenho alguns exemplares, devido á amabilidade do illustre archeologo italiano Abbade Amerano. O apparecimento destes silices é uma curiosa nota da archeologia portugueza, e tanto mais quanto é certo que os silices alterados ligados a restos de carnivoros extinctos teem chegado para classificar de quaternarias muitas cavernas italianas.

A gruta de *Lagoa do Cão* deu silices alterados e dentes de urso, sendo todavia uma estação neolithica. A que, todavia, eu me inclino, attendendo á pobreza dos productos de arte, excepto lanças, á grosseria dos restantes objectos que nella foram encontrados, ao limitado emfim do seu mobiliario, é que esta gruta tenha sido uma das primeiras estações neolithicas que se estabeleceram nas terras que eu hoje considero a *Provincia archeologica de Alcobaça.*

O typo humano referido á *Lagoa do Cão* não pode classificar-se seguramente, embora um pedaço da abobada craneana me dê a impressão de dolichocephalia.

A exploração desta gruta não poude completar-se como seria preciso. A galeria afunda-se em linha quebrada, de curta extensão, sendo impossivel o transporte de grandes pedras deslocadas, e por ultimo do proprio deposito. Diversos desabamentos pozeram em grave risco a vida dos trabalhadores, pelo que resolvi abandonal-a.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Lanças de silex..............	5	6,7,9,11
Laminas de silex.............	40	
Caninos de urso..............	4	
Machados.....................	5	
Vasos completos..............	1	160
Silex alterado (laminas)........		

SEGUNDO GRUPO. PENA DA VELHA.—*Gruta II.*

Num recanto do grande valle do Carvalhal, passada a ramificação que dá para o Valle de Veados, depara-se-nos, a meia encosta poente, uma abertura triangular de pequena altura que dá accesso ao recinto da gruta por desnivelamento de um metro.

Cobre quasi todo o pavimento uma espessa camada de pedras para ali projectadas intencionalmente. Do tecto pendem raras estalactites, e um grosso manto estalagmitico começa a formar-se a um dos lados da gruta ligando grandes pedras que se encostam ás paredes naturaes.

Procedendo aos cortes externos para facil conducção do deposito interior, achei uma ponta de flecha de cobre (fig. 188) e um pequeno cinzel do mesmo metal (fig. 188 *a*). Começando os cortes internos indispensaveis para uma segura e methodica exploração, foram achadas duas moedas romanas, sendo uma de prata, de Caligula, e outra de cobre que não póde lêr-se. Pedaços de vidro pertencentes a pequenos vasos, contas de vidro muito alterado, volantes de ferro *(fusaiolas)* e restos de pesos de tear, tudo isto ligado ás moedas, deram-me a segura nota de ter sido esta gruta aproveitada em tempos do dominio romano.

Retirados estes objectos, achados num corte irregular de quinze centimetros, ficou o deposito com toda a sua pureza neolithica

Desde o primeiro corte, em espessa camada de terra humosa repetem-se os restos humanos, succedendo-se numa abundancia extraordinaria; fragmentos de craneos, de costellas, de vertebras, de todos os ossos curtos, longos e largos, muito alterados, muito friaveis, formam quasi toda a espessura deste corte.

Uma bella lamina de silex retocada (fig. 64), uma ponta de flecha da mesma substancia, restos de louça, determinam a edade neolithica.

No segundo corte repetem-se os restos humanos na mesma abundancia, e raras pontas de flecha, laminas de silex, em geral partidas, um bello estilete de osso,

(fig. 134) e outro instrumento da mesma substancia (fig. 149), constituem todos os caracteristicos deste jazigo. Nos cortes restantes, repetidos até ao primitivo manto estalagmitico, nota-se sempre a abundancia de restos humanos, e peças osteologicas de boi, veado, cabra e coelho.

Como documentos anthropologicos de certo valor, appareceram dois craneos, susceptiveis de algum estudo, tendo um delles um buraco proximamente circular no temporal direito, e, ao que parece, feito em tempo muito posterior ao seu encerramento nesta gruta, talvez por desabamento, ou por outro qualquer motivo, não facil de prever. Junto destes craneos foi achado um machado de schisto, imperfeito.

Como vemos é pobrissimo o mobiliario desta gruta. O que a torna notavel é a grande quantidade de ossos humanos que formavam quasi todo o seu deposito numa altura de dois metros. Posso reputar em muitas dezenas o numero dos individuos que ali deviam ter sido depositados.

A planta desta gruta dá uma figura de triangulo escaleno, de lados muito irregulares.

Os fragmentos de loiça colhidos em toda a altura estavam tão reduzidos que não é possivel, sequer, imaginar a forma de um vaso a que elles possam dar origem.

Deposito identico, embora um pouco menor, e com pequenissimo mobiliario, repete-se nas grutas subordinadas, e muito especialmente em *Cadoiço*, *Valle da Figueira*, *Valle de Espinho*, *Valle de Ventos* e *Calatras* (baixa).

Convem notar que nas grutas de *Cadoiço* havia maior numero de laminas de silex do que na *Pena da Velha*, que no *Cadoiço* não havia machados, e que em *Calatras* (baixa), apenas appareceu um de pequenas dimensões.

Subordinadas: — Cadoiço, 2 — Pena da Velha (baixa) 2 — Valle da Figueira, 2 — Valle de Espinho, 1 — Valle de Ventos, 2; apenas deram laminas de silex, raras vezes retocadas e restos humanos.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Pontas de flecha, de silex	3	
Facas de silex, inteiras	8	64
Facas de silex, partidas	6	
Estiletes de osso	1	134
Contas de vidro alterado	5	
Craneos	1	
Machados	1	
Ceramica diversa		
EM METAL (CORTE EXTERNO)		
Cinzeis de cobre	1	188 *a*
Ponta de flecha	1	188
Bocados de vidro		
Moedas romanas	2	

TERCEIRO GRUPO. *a)* CABEÇO DA MINISTRA.—*Gruta III.*

Se em Portugal não houvesse uma estação typicamente neolithica, bastaria a riquissima gruta do *Cabeço da Ministra*, para se estudar essa edade no ponto mais fulgurante do seu maximo desenvolvimento, e resolver de uma vez que as grutas foram habitações, verdadeiras habitações, e, por vezes, como aqui, verdadeiras officinas.

Estação capital das terras de Alcobaça, pela riqueza do seu vastissimo mobiliario, pela grande variedade dos seus artefactos, pelos indiscutiveis documentos que provam ter sido habitada por artistas neolithicos, é o *Cabeço da Ministra* da maior importancia para a archeologia portugueza.

Já a sua collocação no alto do cabeço que lhe dá o nome, dominando grande extensão para diversos lados, lhe dá um certo motivo de superioridade, como se fosse conscientemente escolhida para uma morada de artistas. A desnudação de um grande banco calcareo, que coròa a eminencia, dá-lhe o tom de uma moderna fortaleza.

E para nada alterar o meu intuito, nem tão pouco alterar a minha primitiva maneira de vêr, vou dar aqui, referido a esta gruta, não um relatorio mais ou menos cuidadosamente tractado, mas as singellas notas tiradas dia a dia durante a sua exploração.

A nascente da ogiva natural do *Cabeço da Ministra*, e recortada no grande banco calcareo que coroa toda a eminencia, acha-se uma pequena abertura de trinta e nove por cincoenta e sete centimetros. Transpondo-a chega-se por desnivel muito rapido, de cinco metros de extensão a uma galeria sensivelmente plana de 38 metros que termina numa galeria proximamente circular. Á direita desta galeria, e num plano um pouco superior, abre-se outra galeria muito estreita que rapidamente se encurva para poente, tendo na quasi extremidade um algar de cinco metros de profundidade, cuja bocca lhe abrange toda a largura.

A bocca natural da gruta é diminuida por grandes pedras, casual ou intuitivamente ligadas por argilla, cascalhos e concreções calcareas.

Todo o pavimento actual é formado por numerosissimos calhaus, que em grande altura defendem o pavimento pisado pela ultima geração neolithica.

Do tecto pendem raras estalactites, e nalguns pontos escorrem pequenas toalhas de calcareo amorpho, arrastado pelas aguas atravez das estreitas fendas da grande rocha.

Praticado o primeiro corte na zona de entrada, para harmonia e methodo de subsequentes trabalhos, achei alguns objectos de bronze — um annel (fig. 200), uma pequena argola (fig. 204), restos de uma fivela (fig. 203), um furador (fig. 205) e um objecto (fig. 216) que supponho ser o cabo de algum instrumento, restos de um peso de tear, de barro, e algumas fusaiolas.

Uma lança de silex (fig. 5), e um delicado machadinho de fibrolithe (fig. 68), são todos os objectos de arte neolithica achados neste corte.

Extrahidos os calhaus que cobriam o pavimento, foram deslocados grandes pedaços de cortiça muito alterada, uma concha incompleta de tritão e algumas valvas de *pecten*.

Prolongado o primeiro corte em toda a extensão, e em harmonia com as irregularidades do terreno, apresenta-se um rico mobiliario neolithico. Placas de schisto, ardozia e micaschisto, pontas de lança, de flecha, laminas, raspadores, furadores em silex, contas de diversas substancias, laminas de quartzo hyalino, diversos instrumentos de osso, incluindo alfinetes com coroa ornamentada, contas de ribeirite, schisto e azeviche, etc., instrumentos de silex partidos, muitos silices de refugo.

Á mistura com este riquissimo mobiliario repetiram-se os restos humanos, e ossos de veado, boi, cabra, coelho, porco, aves, etc., e muitos restos de ceramica incapazes de restauração, mas com que se podem referir formas de vasos, de alguns typos conhecidos em outras estações portuguezas. O que muitos apresentam é uma variada ornamentação, havendo motivos de certa originalidade que não vejo repetidos nas grutas de Alcobaça, nem no resto do paiz.

No segundo corte repetem-se os mesmos objectos, rareando um pouco as pontas de flecha. Pequenas laminas de quartzo hyalino e um bello nucleo da mesma substancia, tres nucleos de silex para a extracção de laminas, pedaços de loiça de impossivel restauração. Valvas de *pectunculus*, algumas com buraco para suspensão.

No terceiro corte repete-se quasi todo o mobiliario que apparecia nos antecedentes, e nos cortes restantes, que diversas circumstancias fizeram variar de espessura, mas que attingiram quatro metros e meio de maxima profundidade; achou-se sempre a mesma equivalencia de instrumentos, em menor numero, é certo, mas em toda a variedade, exceptuando lanças de silex e placas de schisto. Destacaram-se caninos de individuos *felis* e *canis*, com e sem buraco para suspensão, diversas valvas de *pectunculus*, de *pecten*, etc., e por vezes diversos blocos de hematite terrosa (vermelha) e outro bloco de tinta negra, destinados certamente para a tatuagem.

Em toda a altura do deposito foram achados muitos silices de refugo, laminas de silex muito fragmentadas, restos de loiça, ossos humanos, e peças osteologicas de boi, veado, cabra, coelho, aves, etc.

Na galeria lateral que referi, foi achado um craneo humano que me parece de grandissimo valor sob o ponto de vista ethnologico ou anthropologico. Este craneo parece ter soffrido uma grande deformação antero-posterior com ligeira torsão, apresentando um frontal de pequenissima elevação e um prognatismo muito avançado.

Á entrada da gruta poderia marcar-se a lareira, que se deve ter mantido no mesmo logar durante toda a occupação della. As cinzas succederam-se em todos os cortes, e em volta do grande cinzeiro acharam-se com frequencia muitos ossos carbonisados.

Considerações. — Os objectos de bronze unidos a fusaiolas e pesos de tear, achados no corte externo, a propria designação *Cabeço da Ministra*, ligada a outras que a tempo exporei, levam-me a acreditar que estamos em presença de artefactos de origem romana. E um pedaço de buzina, concha de tritão, achada entre o grande deposito de calhaus, com outro igual achado na gruta de *Calatras* (Calator?) deixam-me suppor que entre estas duas grutas capitaes — que embora distantes se avistam — haveria quaesquer relações.

E tanto mais acredito esses objectos romanos, quando é certo que a gruta funeraria, *Pena da Velha*, fica junto do *Cabeço da Ministra*, e as duas grutas numa distancia inferior a cem metros. Naquella foi facil classificar, pelas moedas, a origem dos objectos metallicos; nesta, attendendo á pequena distancia, não repugna acceitar-lhe a mesma origem. Sobre os objectos verdadeiramente neolithicos vou expor, nos seus diversos agrupamentos, o resultado das minhas observações. E se assim os agrupei foi por me parecer mais facil estudal-os e fazer comprehender a importancia desta gruta.

Placas de schisto. — Foram quinze os pedaços de placas de schisto, micaschisto e ardozia que colligi nesta gruta. Nem uma só inteira. Apenas com os pedaços achados consegui restaurar duas, e, com certeza, as mais preciosas da collecção de Alcobaça, e por ventura das collecções portuguezas.

Em todas as placas com gravura não existe similhança com as que tenho observado, com as que teem sido achadas em estações portuguezas e que, melhor ou peor representadas, teem chegado ao meu conhecimento. São novos quasi todos os desenhos, e pedaços apparecem em que se vê não ter existido qualquer especie de gravura.

As placas mais preciosas desta gruta são as que vão representadas nos n.os 78, 79, 80, 82, 83, 86. O numero 78 correu impresso, incompletamente, no livro *Religiões da Lusitania* do meu sabio amigo J. Leite de Vasconcellos. É como elle diz, uma representação zoomorphica, provavelmente humana.

A placa estava partida na sua linha media como o desenho indica. A minha primeira opinião, ao vêr os dois pedaços, e antes de fazer a verificação das fracturas, e averiguar portanto que coincidiam, foi vêr na parte superior uma representação animal, e muito me inclinei a que fosse de uma coruja ou mocho, animaes que muitas vezes se referem nas velhas religiões. Só muito tarde, e coincidiu isso com e apparecimento das «Religiões», é que averiguei que esses dois pedaços coincidiam e que ficava então, a meu vêr, uma representação anthropomorpha de certo valor.

As duas saliencias, abaixo da cabeça (porque essa placa devia ser symetrica), lembram os hombros de onde pende um grande e extraordinario collar, que se repete igualmente e com a mesma disposição na parte posterior da placa.

Um resto de placa não menos curioso é o que vae representado no n.º 86. O n.º 82 é outra placa incompleta de micaschisto, com espessa patina calcarea. Apresenta na sua parte superior duas pequenas e curiosas cavidades, sem outro signal

de gravura ou ornamentação. Não tenho conhecimento de placa identica, e supponho-a outra raridade do neolithico portuguez.

Das fig. 79, 83, 84, 85, 87, apenas os numeros 83 e 85 saem da vulgaridade das linhas, e especialmente das placas do Algarve e Alemtejo. A fig. 87 representa uma placa de micaschisto lisa, e onde se não distingue o mais leve signal de ornamentação. É apenas digno de notar o buraco para suspensão, grandemente inclinado, e que foi esboçado num ponto diverso do actual. Esta perfuração parece indicar que procuraram o centro da figura, e que só foi achado depois de algumas tentativas.

O n.º 79, que vae reproduzido em tamanho natural, não é vulgar nas estações portuguezas, e acha-se correspondido, em periodos mais avançados, nas grutas de *Mosqueiros* (baixa) e *Redondas*, pertencentes ambas a edades metallicas. Deve faltar-lhe uma parte igual á que vae no desenho, e com outro buraco para suspensão. A semelhança parece-me estar achada com o n.º 209.

O que não posso deixar de repetir é que nenhuma placa foi achada inteira e que nenhuma foi partida no acto de exploração. A ausencia de bocados com desenhos equivalentes a outros bocados, e por onde se podesse avaliar que qualquer dellas teria sido partida dentro da gruta, levam-me á segura conclusão de que ali seriam talhadas e gravadas todas as placas a que devem ter pertencido tão variados desenhos.

Instrumentos de silex. — A collecção de instrumentos de silex obtida na gruta do *Cabeço da Ministra* conta toda a série, com diversas modalidades, do vasto arsenal neolithico. A quantidade e variedade, como se pode vêr no mappa de exploração, perfaz o numero de 121 instrumentos acabados e 103 diversamente partidos.

Lanças. — As lanças de silex, n.os 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, são de um cuidado acabamento, especialisando o n.º 2 que é uma verdadeira joia neolithica.

O n.º 12 além de um delicado e profundo denticulado, apresenta polidas as duas faces medias. Não foi achada a parte que falta para completar tão bello instrumento. As restantes, como vemos, foram graciosa e artisticamente esboçadas, e ao seu talhe prisidiu uma grande intuição artistica.

Pontas de flecha. — Como nas lanças, vemos uma grande preoccupação do bello nas linhas geraes das pontas de flechas. A sua variadissima forma demonstra recursos artisticos de certo valor, e o acabamento especial dos n.os 13, 14, 19, 22, 25, 26, documenta uma grande facilidade de operar. Na collecção de Alcobaça podem escolher-se, com grande nitidez, mais de vinte formas differentes. O silex empregado nas pontas de flecha varía, como aliás em todos os instrumentos, na riqueza de côres, desde o muito claro, muito translucido — quasi transparente, — até ao silex completamente negro. Accentuam-se diversas formas de quartzo.

Laminas de silex. — As laminas de silex, cujo comprimento maximo é de 135 millimetros, são frequentissimas e nota-se o predominio das de secção trapesoidal.

Não são vulgares as laminas retocadas, comparando-as com as de outras grutas. Abundam extraordinariamente as laminas partidas, o que não sei se deva attribuir-se ao processo de deslocamento, como são os contra-choques, se ao producto de trabalho que ellas não podiam supportar, pela sua extrema fragilidade.

Nucleos de silex. — Os nucleos de silex para a extracção de laminas appareceram em todos os cortes. Variam os tamanhos e a côr, (figs. 40, 41, 42).

Pontas de flecha de gume transversal. — Colhi muitos exemplares, sendo os mais notaveis os que vão figurados nos n.os 28 a 39. O n.º 28, como outros pequenos exemplares de Alcobaça, parece-me poder satisfazer ás duas formas de encabamento das pontas de flecha.

Lanças e pontas de flecha partidas. — Pedaços de pontas de lança appareceram em diversas alturas do deposito. Os n.os 12, 43, 45, além de outros, são exemplares sobejamente reconhecidos.

As pontas de flecha fracturadas em pontos quasi certos, como os n.os 44, 46, 50, e ainda outra forma, como os n.os 47, 48, parece indicarem um trabalho de acabamento que facilitaria essa fractura. Notavel ainda o n.º 49.

Buris de silex. — Os n.os 51, 52, 53, 54, são exemplares muito caracteristicos desta especie de instrumentos. O n.º 52 especialmente é de uma absoluta nitidez de intenção.

Raspadores de silex. — Os n.os 55, 56, 57, 58, são os mais bellos exemplares que conheço, pela sua forma, pelos cuidados retoques e pela definida linha curva de trabalho, que é o que mais caracterisa estes instrumentos.

Silex de refugo. — Em toda a extensão e profundidade do deposito achei muitos silices de refugo, incluindo blocos relativamente grandes, e variadissimas lascas, producto indiscutivelmente de demorado trabalho nesta estação.

Polidor de grés. — Um pequeno polidor de grés, com evidentes signaes de trabalho em quatro das suas faces, notando-se em duas dellas a linha claramente concava, produzida por gastamento.

Objectos de quartzo hyalino. — Os objectos de quartzo hyalino que se acharam nesta gruta resumem-se em: um nucleo, donde foram deslocadas muitas laminas, e que mede 30 millimetros de altura por 32 na maxima largura, tres laminas que medem 32, 37 a 65 millimetros. Esta ultima é a maior que se conhece em collecções portuguezas e creio que a maior que existe em collecções estrangeiras, incluindo as que vem citadas por Mortillet, no seu *Musée préhistorique*. Pequenos blocos, mas sem signaes de trabalho, foram colligidos nesta gruta.

Instrumentos de osso. — Em todos os cortes foram achados instrumentos de osso que posso representar em polidores (fig. 145), furadores (figs. 131, 132), etc., restos de agulhas (fig. 139), um punhal (?) (fig. 137) e muitos restos de diversos intrumentos referidos ás tres primeiras categorias.

Os mais interessantes objectos de osso que colligi nesta gruta foram incompletos alfinetes, mantendo porém intactas as corôas ornamentadas, sendo esta, em

seis casos, separada da haste principal, mas mantendo-se segura nos pedaços respectivos. As suas diversas ornamentações são representadas nas figs. 89 a 93.

Loiça ornamentada. — É grande a variedade de desenhos que se apresenta nos restos de loiça achada durante todo o trabalho de exploração. Avultam pedaços pertencentes a um grande vaso, que altos cordões deviam ornamentar exteriormente, (fig. 169).

Das restantes ornamentações, (figs. 152, 153 a 156, 157, 161, 166, 169, etc.) tornam-se muito notaveis os n.os 162 e 168, onde a rara applicação da linha curva se vem manifestar de uma forma curiosa.

Não menos notavel é o n.º 164, onde parece estar representada uma estylisação vegetal. A variedade de ornamentação deixa adivinhar artistas de recursos.

A abundancia de fragmentos era de tal ordem que, mesmo quando estivessem juntos todos os que pertencessem a um mesmo vaso, seria quasi impossivel separar os que se pertenciam. O que apenas posso assegurar é que esses pedaços deviam pertencer a vasos de variadissimos tamanhos, e, o que é mais ainda, a muitas e muitas formas. Não me parece difficil reconstituir vasos, com os fragmentos aqui achados, referidos a typos de outras grutas.

Instrumentos diversos. — Os differentes instrumentos que podem classificar-se sob o titulo generico *machados*, estão representados por doze exemplares, sendo onze de schisto amphibolico e um de fibrolithe. Repete-se a forma vulgar de machado e enxó; uma pequena goiva e um cinzel de schisto, são os objectos que se destacam das formas communs.

O mais notavel dos machados é um de rocha dioritica que mede 215 millimetros de comprimento, com o pezo de 930 grammas. É de um polido irreprehensivel, e, como acabamento, um dos mais notaveis da collecção de Alcobaça.

Enfeites. — São muito variados os enfeites que achei nesta gruta. Contas de ribeirite (figs. 107 a 111, 123, 127), de azeviche (figs. 119, 120, 121), de osso (fig. 122), de schisto (fig. 118 e 118 *a*), de calcareo (fig. 129). É grande a variedade de tamanhos, desde o n.º 111 em ribeirite, até ao n.º 118 *a* em schisto. Acharam-se em diversas alturas do deposito.

A tatuagem deve ter sido praticada. Encontram-se blocos de hematite terrosa, conservando ainda com grande nitidez as estrias e superficie de gastamento. O vermelho seria obtido desta substancia; o amarello e o negro foram achados, mas perderam-se, não sei como, durante os trabalhos de exploração. O amarello era dado pela argilla ferruginosa — *occa* —, o negro não sei, porque, não foi possivel analysal-o, nem elle se repetiu em qualquer das outras grutas.

Valvas de *pectunculus*, tendo algumas buraco para suspensão, deviam esboçar talvez posteriores *tintinabulos*.

Muitos dentes, entre os quaes se notam alguns exemplares de *canis*, *felis* e *sus*.

Uma pequena lasca de marfim (fig. 101 *a*) com extraordinario gastamento na

extremidade inferior, tendo na outra dois cortes para suspensão, constitue talvez uma outra especie de enfeite, não muito vulgar em estações prehistoricas.

Varia. — De entre os muitos objectos de uso indeterminado sobresahem quatro pedaços de espatho calcareo, com diversas superficies obtidas artificialmente, e ao que me parece por fricção contra outra pedra mais dura, visto que na maior parte se observam claramente muitas estrias (figs. 212 e 215). Um desses pedaços lembra um crescente, ainda que grosseiramente esboçado, mas obtida a figura que elle representa por processos igualmente artificiaes (fig. 215).

Um outro objecto não menos curioso é o que vae representado na fig. 211. É de calcareo jurassico, e a sua forma foi obtida por gastamento, como se vê nas irregulares facetas que se apresentam em toda a extensão deste mysterioso objecto.

Muitos silices retocados, e não retocados, mas que eu creio de desconhecida applicação.

Rochas de diversas côres, de preferencia micaceas e ferruginosas, foram achadas em toda a altura do deposito.

Typo humano. — Além do craneo que já referi, não achei peças osteologicas capazes de estudo. Esse craneo, que de per si não representa mais do que um caso fortuito de deformação, não chega para definir uma raça. Muitos foram os restos humanos encontrados por toda a espessura do deposito, mas sempre num estado de alteração que tocal-os era perdel-os.

Alimentação. — Os habitantes do *Cabeço da Ministra* deviam ter vivido dos productos da caça. Dentre os restos animaes que jaziam na gruta, avultam: — boi, veado, cabra, porco, coelho e raras aves. Deviam comer a caça de preferencia assada, attendendo ao grande numero de ossos carbonisados que achei pouco além da entrada da gruta, e onde certamente se manteve o fogo durante toda a occupação della. As cinzas succederam-se em toda a altura dos cortes.

Não achei restos de peixes, e o pequeno numero de conchas que colligi, não auctorisam a concluir que essas fossem levadas para ali por outros motivos, que não sejam os de enfeites, ou com qualquer outra intuição, que não seja identica á que para ali fez conduzir muitas rochas diversamente coradas.

Conclusões. — Nos trabalhos de exploração do *Cabeço da Ministra*, assim como no das outras grutas, não fiz mais do que observar com rigor e com os methodos scientificos ao meu alcance. Abandonei — para classificação — os methodos seguidos em que o excesso de mal entendida observação leva a erros desgraçados, e em que para o reconhecimento de alguns objectos é preciso muita fé, ou uma boa dose de suggestão. O mobiliario foi classificado pelos objectos mais typicos, e não por aquelles que só mantinham duvidosas probabilidades.

O typo humano não foi estudado, porque não podiam ser seguros os alteradissimos documentos que colligi, e mesmo porque não quiz alargar mais a lista de hypotheticas observações.

O *Cabeço da Ministra* foi objecto de um demorado estudo, feito com muito interesse, com muito amor scientifico, e, tenho a certeza, com a maior probidade. E só depois de demoradas observações, de seguros raciocinios, e de uma classificação methodicamente scientifica, é que a considerei como gruta-officina.

E vejamos porque. Todo o mobiliario das quarenta e duas grutas exploradas foi guardado separadamente, e foi feito o estudo comparativo de cada uma. Depois, observado com o maximo rigor, e classificado em harmonia com as series scientificas em vigor. Por esta forma foi achada a correspondencia de certas armas, a equivalencia de certos instrumentos, reconhecidos os objectos de primeira necessidade, separados os que já poderiam representar especialidade artistica, e até, talvez, os que esboçavam já um certo luxo, que deixa adivinhar pelo menos duas categorias sociaes.

Abandonei — para classificação — tudo o que não tinha caracter typico, desde os productos de demorado trabalho, até aos restos do proprio habitante das grutas.

Feito isto, achei um extraordinario excesso de mobiliario, uma grande riqueza de objectos, que, além de não serem repetidos noutras grutas, aqui se achavam rodeados de circumstancias nada vulgares.

O *Cabeço da Ministra*, separa-se das outras grutas pelos seguintes motivos:

Abundancia de silices lascados, de diversos tamanhos, desde as lascas obtidas por simples retoques, até grandes pedaços donde se deslocaram laminas mais ou menos definidas. São os silices de refugo.

Nucleos de silex para a extracção de laminas de facas.

Pontas de lança e de flecha partidas, não sendo em nenhum caso achada a extremidade superior nas pontas de lança, o que indica talvez o seu aproveitamento. Fracturas quasi regulares, em dois typos de pontas de flecha. Umas e outras perfazem 19.

Dois casos em que só appareceu a parte superior da lança fracturada.

Contas de ribeirite igualmente partidas.

Nucleos de quartzo hyalino, juntos a algumas laminas.

Extraordinaria abundancia dos instrumentos de silex, dando uma grande variedade.

Muitos seixos rolados que serviram de martellos para o talhe do silex. Quasi todos os exemplares foram roubados por um moleiro visinho, que os britou e tentou reduzir a pó nas suas mós, esperando depois obter ouro.

Placas de schisto incompletas, não sendo possivel, em nenhum caso, restaural-as completamente.

Creio portanto poder affirmar que esta gruta foi uma officina neolithica, e de uma extraordinaria importancia.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Lanças de silex	7	1, 2, 3, 4, 5, 10, 12
Pontas de flecha, de silex	47	13, 14, 15, 19, 21, 22, 24
Pontas de flecha, gume transversal	13	28 a 39
Laminas de silex, facas	105	
Laminas de quartzo hyalino	3	
Nucleos de silex e quartzo hyalino (para extracção de facas).	4	40, 41, 42
Buris, raspadores de silex		51, 52, 53, 55, 56, 57, 58
Machados de schisto, enxós, cinzeis, goivas	12	
Furadores de osso, inteiros e quebrados	14	130 a 149
Alfinetes com coroa ornamentada	7	89 a 93
Contas de ribeirite, schisto, azeviche, calcareo e osso	16	107, 108, 119, etc.
Placas de schisto, ardozia e micaschisto, partidas	15	78 a 88
Polidores de osso	2	
Polidores de grés — pequenos	2	
Punhaes de osso	1	
Dentes de *felis* — perfurado	1	
Dentes de *canis* — não perfurados	4	
Dentes de javardo	1	
Restos de loiça lisa e ornamentada		152, 153, 156, 157, 161, 162,
Restos humanos		164, 166, 169, etc.
Lanças, pontas de flecha — partidas	19	43 a 50
Laminas partidas	55	
Silices de refugo		
Conchas diversas	14	
Conchas perfuradas	4	
NO CORTE EXTERNO		
Lanças de silex		
Machados de fibrolithe		
Annel de bronze	1	200
Fibula de bronze	1	203
Argolas de bronze	1	
Furadores de bronze	1	205
Cabo de instrumento, bronze	1	216
Volantes de ferro (*fusaiolas*)		

b) CALATRAS (alta).—*Gruta IV.*

O grande valle do Carvalhal, que se divide e subdivide em diversos ramos, mantem, não só para cada ramo uma especial designação, mas varia de nome nas suas diversas curvaturas. Assim, e para que isto fique assente, indicarei aqui os diversos nomes que elle toma nos logares em que se acha ligado a este estudo.

O grande valle parte de Chiqueda em uma linha muito sinuosa e prolonga-se especialmente até perto da Boieira, já fóra do concelho de Alcobaça. Varía a sua profundidade segundo as exigencias do terreno, exigencias de desnivelamento em

tempos passados, e o pendor das suas encostas, dependentes, em geral, da espessura dos grandes bancos calcareos, toma por vezes proporções extraordinarias. Não raras vezes são formadas, em muitas dezenas de metros de altura, pelo calcareo desnudado, que cahe aprumadamente sobre o mais fundo da ravina. As grandes falhas geologicas que por vezes lhe deram origem, estão documentadas em escombros gigantescos, despidos de toda a especie de vegetação, podendo em muitos casos crusar-se grandes e phantasticas arcarias. Muralhas de gigantes com rudimentares caprichos de architectura.

A designação desse valle, desde o ponto em que exploramos a primeira gruta, para norte, toma successivamente as seguintes designações: — Valle da Lapa, Valle Escuro, Valle de Veados, Valle do Azeiteiro, Valle da Varzea, Valle dos Mortaes, Valle Vazão.

Os pequenos planaltos para onde se dobram as suas encostas, os pontos mais elevados, comprehendidos entre pequenas linhas de agua, tudo isso tem designação especial e por vezes muito caracteristica: — Cabeço Rastinho, Cabeço das Corsas, Cabeço das Calatras, Cabeço da Ervideira, Cabeço dos Mosqueiros, Cabeço da Ministra, Cabeço da Mina. *Calatras* é o nome de um pequeno cabeço, que partindo de uma rapida curvatura do *Valle da Lapa*, se alarga em angulo francamente obtuso, deixando correr irregularmente os seus lados em larga e ondulada extensão.

No cabeço e encosta nascente de *Calatras* estão exploradas cinco grutas, como será facil conferir no mappa. Serão ellas designadas segundo a sua posição relativa, em *Calatras* (alta), *Calatras* (media) e *Calatras* (baixa).

A gruta capital desta zona é a que se abre na parte mais elevada da vertente, e que por esse motivo denomino *Calatras* (alta). Tem franca exposição ao nascente, sendo banhada de sol durante muitas horas.

É uma pequena gruta, de curto corredor, transposto o qual se chega a um espaço sensivelmente circular. Todo o pavimento se acha coberto de pedras soltas, como aliás o pavimento de todas as grutas. A entrada foi intencionalmente diminuida por grosseira parede, conservando-se as pedras ligadas por mal tratada argamassa argillosa, a que exteriores concreções calcareas deram inesperada resistencia.

Praticado o corte de reconhecimento, averiguei que a espessura do seu deposito apenas attingia sessenta centimetros, pelo que resolvi fazer a exploração de uma só vez.

Proseguindo nos trabalhos de exploração, reconheci que no seu deposito havia toda a relação com o da gruta do *Cabeço da Ministra*.

Abundam os instrumentos de silex em pontas de flecha, laminas de facas, havendo alguns exemplares de cuidados retoques, apparecendo tambem alguns raspadores e buris. Muitos silices de refugo, embora em menor abundancia do que no *Cabeço da Ministra*. Machados são relativamente abundantes, como se pode vêr no mappa de exploração, havendo enxós com muito acabamento. Os instrumentos de

osso não são muito numerosos, e limitam-se a polidores e furadores, em tudo identicos aos da gruta referida.

O que aqui appareceu foi um novo typo de instrumentos de schisto que não pode entrar na categoria de machados e enxós. Vae representado na fig. 231. Repetem-se tres exemplares, o que indica com segurança que a sua forma não é fortuita.

Foi achada uma lamina de quartzo hyalino e um bloco rolado da mesma substancia.

Placas de schisto. — Duas placas de schisto incompletas, sendo uma com gravura (fig. 88), e outra de schisto verde sem qualquer signal de ornamentação. Ambos os fragmentos são da parte superior, visto conservarem os buracos para suspensão.

Enfeites. — É muito notavel, embora não muito numerosa, a collecção de contas e outros enfeites achados nesta gruta. As contas de ribeirite tomam as formas mais caprichosas, como as que vão representadas nas figs. 102, 103, 104, 105, 106, 113, especialmente as duas placasinhas triangulares 102 e 103, e o n.º 113, em que a conta é ornamentada por traços, sensivelmente parallelos, em toda a volta.

Não menos curiosa é a placa de espatho calcareo n.º 128, tendo ao centro buraco para suspensão. É uma curiosa forma de enfeite, que, ligado ao n.º 130, um pedaço de concha de *pecten*, igualmente perfurada para suspensão, constitue um novo motivo de garridice prehistorica. A placa de *pecten* deixa vêr numa das suas arestas que foi perfurada noutro lugar, não sendo facil averiguar se ella ao tempo do seu aproveitamento serviria como foi achada.

As conchas, relativamente numerosas, que colligi nesta gruta, pertencem a *pectunculus* e *cardium* e não são perfuradas.

Loiça ornamentada. — Os restos de loiça que se colligiram são raras vezes ornamentados, mas esses poucos exemplares são rasoavelmente bellos, (figs. 170, 167).

O predominio é de grosseiros pedaços completamente lisos.

Alimentação. — Como no *Cabeço da Ministra.*

Typo humano. — Impossivel de determinar porque a unica peça osteologica de certo valor foi um craneo muito incompleto.

Considerações. — Como no *Cabeço da Ministra,* abundam as pontas de flecha, laminas de silex, inteiras e quebradas, pontas de flecha de gume transversal e muitos refugos de silex, e a essa estação se pode referir quasi todo o mobiliario de *Calatras* (alta).

O genero machado é que está aqui representado com certa abundancia, e em muitos exemplares vê-se, pela nitidez do gume, que são armas que não chegaram a servir.

Creio, portanto, estarmos na presença de uma gruta-officina, embora de muito menos importancia do que a do *Cabeço da Ministra.*

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Pontas de flecha, de silex	41	
Laminas de silex, facas inteiras	25	
Laminas de silex, facas partidas	30	
Machados e enxos	11	
Contas de riberite e espatho calcareo, etc.	15	102, 103, 104, 106, 128, 130
Laminas de quartzo hyalino	1	
Placas de schisto (uma com gravura), partidas	2	88
Polidores de osso	2	
Furadores de osso	8	
Craneos	1	
Loiça lisa e ornamentada		
Ossos humanos		
Silices de refugo		
Conchas diversas	70	
Dentes de javardo	1	

c) CALATRAS (media).—*Gruta V.*

Uma pequena gruta, de bocca intencionalmente diminuida, conservando a cimentação que se nota na entrada das grutas pertencentes a este grupo. Mede oitenta centimetros na maxima largura, por sete metros de comprimento.

A sua exploração praticou-se num só corte, sem trabalhos de reconhecimento, visto as suas exiguas dimensões.

O pequeno mobiliario estendia-se em volta de restos humanos pertencentes a um só individuo. Apesar de todas as precauções não me foi possivel obter ossos capazes de estudo, além de um craneo que diversas pedras casualmente protegiam. Ha nelle linhas mal definidas de dolichocephalia.

Eis a indicação dos objectos que achei:

Dois machados de schisto, sendo um de pequenas dimensões.

Tres laminas de facas, de silex.

Quatro caninos de *canis*.

Um canino de *felis* com buraco para suspensão.

Cinco valvas de *pectunculus*.

Uma conta de quartzo hyalino perfurada.

Não foram achados restos de outros animaes, nem de ceramica.

O preciosissimo objecto desta gruta é a conta de quartzo hyalino, perfurada ao centro, com regularidade que espanta (fig. 117). Formada como pela união de duas pyramides quadrangulares truncadas, apresenta as suas dez faces irreprehensivelmente polidas. Esta conta tenho eu como a mais bella e mais valiosa joia da arte neolithica portugueza.

Por este mobiliario, pelas exiguas dimensões da gruta e por o facto de nella

apparecerem restos de um só individuo, não vacillei em a reputar como a sepultura de um chefe; e se a incluo no terceiro grupo, é pela disposição da sua entrada, similhante, pela cimentação, ás que referi, e pela variedade dos objectos, incluindo a conta de quartzo. Embora não achasse placas de schisto, não me parece que se possa negar a esta gruta uma epoca fulgurante do neolithico nacional.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Machados de schisto	2	
Laminas de silex (facas)	3	
Conta de quartzo hyalino	1	117
Dentes de *canis*, perfurados	1	
Dentes de *canis*	4	
Conchas	5	
Craneos	1	

d) Valle do Touro.—*Gruta VI.*

O *Valle do Touro* fica a nascente da povoação *Carris*, pertencente á freguezia de *Evora de Alcobaça,* e numa região a que a tradição refere o apparecimento de muitos objectos pertencentes ás edades metallicas. Neste valle, de formação jurassica, igual á do Carvalhal de Aljubarrota, estão encravadas muitas grutas que o povo se compraz em occultar, por motivos que desconheço.

A gruta do Valle do Touro tem toda a apparencia de uma gruta artificial, embora não o seja. A entrada é pequenissima, e para chegar ao pavimento é preciso descer um degrau de uma só pedra, com altura superior a um metro. Todo o pavimento, incluindo os calhaus que avultam pelo meio delle, acha-se coberto por um manto de estalagmite terrosa de pequena espessura.

A gruta é de pequenas dimensões, e o corte de reconhecimento accusou um deposito de setenta centimetros de altura.

Procedendo-se á exploração em dois cortes, foi achado no primeiro: — restos humanos muito alterados, peças osteologicas de veado, cabra, porco e coelho.

O mobiliario limitava-se a um pequeno vaso (fig. 151), quatro machados, duas enxós e algumas laminas de silex. Um pequeno bloco de argilla ferruginosa (ócca) para tatuagem, mantém ainda, numa das faces, uma cavidade regular e profunda, que deixa adivinhar o movimento circulatorio dos dedos para obter o deslocamento de substancia. Este curioso objecto está quasi todo defendido por uma espessa patina calcarea.

Do segundo corte foram extrahidas quatro pontas de flecha, muitas laminas de silex, um furador de osso, uma placa de schisto inteira e uma delicadissima ponta de lança, de silex.

A placa de schisto, unica que obtive inteira nas diversas grutas que explorei, tem a pouca vulgaridade do desenho, e, contra o usual, repete-se elle em ambas as faces (fig. 81).

A ponta de lança (fig. 8), pode referir-se a um dos typos do *Cabeço da Ministra* (fig. 2). É de silex amarellado, polida nas duas faces, tendo apenas lascada a linha de retoques. É uma delicada joia de joalheria neolithica portugueza.

Os pedaços de loiça que esta gruta forneceu não tinham signaes de ornamentação.

Raras valvas de *pectunculus* e *cardium* e apenas uma perfurada para suspensão.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Lanças de silex	1	8
Pontas de flecha	4	
Machados e enxós	4	
Furadores de osso	1	
Laminas de silex, facas	22	
Placas de schisto com gravura	1	81
Bloco de argilla ferruginosa, para tatuagem	1	
Vasos inteiros	1	151
Restos de loiça não ornamentada		
Ossos humanos		
Ossos diversos		

e) Cabeço dos Mosqueiros (alta).—*Gruta VII.*

Cabeço dos Mosqueiros é o nome que dão á parte mais alta da vertente opposta e fronteira ao *Cabeço da Ministra*. Nessa vertente estão encravadas tres grutas, e ao terceiro grupo pertence a que denomino *alta*, attendendo á sua posição relativa.

Apresenta ella duas aberturas, sendo uma muito grande, devido a desabamentos, e ambas, por muito rapidos declives, chegam a um extenso pavimento. É a mais bella das grutas do Carvalhal, pela sua vastidão, e pela muita luz que recebe. Do tecto cahem enormes e onduladas toalhas estalactiticas, que, descendo pelas paredes lateraes, semelham longos e artisticos cortinados.

O pavimento, em geral, é coberto por uma espessa camada de pedras, que para ali foram projectadas, e muito especialmente do lado da maior abertura.

Procedendo á extracção das pedras, reconheci que o deposito variava entre quarenta e sessenta centimetros de altura, pelo que resolvi fazer a exploração de uma só vez.

Removendo uma grande pedra que impedia os trabalhos, e que assentava num dos lados da gruta, reconheci que sob ella jaziam restos de tres individuos que supponho victimas de um desabamento. Esses restos, embora muito alterados, muito friaveis, deixavam averiguar o numero de individuos a que pertenciam.

Enfiado num humero foi achado um bello bracellete (fig. 94), feito de uma valva de *pectunculus*. Tenho conhecimento de dois exemplares identicos, um achado na *Cueva de la mujér* em Hespanha, e outro em Dijon, França.

Tres volantes de fuso *(fusaiolas)*, alguns machados e enxós, sendo um dos machados de pequenas dimensões, algumas laminas de silex, um polidor de rocha dioritica, um furador de osso, restos de grosseira loiça e um bello vaso (fig. 159), constituiam todo o mobiliario.

Diversas valvas de *pectunculus*, algumas com buraco de suspensão. Um outro objecto notavel appareceu nesta gruta: — é um bloco de diorite, bellamente polido. A sua secção é elliptica com dois planos parallelos, num dos quaes se abrem duas pequenas cavidades, o que o faz julgar o supporte de algum idolo referido ás edades metallicas.

Todos os restos humanos contidos nesta gruta eram incapazes de estudo, excepto um craneo dolichocephalo, e este porque estava num pequeno recanto defendido por grandes pedras. Os ossos restantes estavam muito alterados. Evaporada a agua que os mantinha numa falsa apparencia de boa conservação, eil-os a dividirem-se em pequenissimas laminas ou a separarem-se em pequenos bocados.

A alimentação dos habitantes de *Mosqueiros* era identica á dos habitantes das outras grutas.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Laminas de silex	21	
Machados e enxós de schisto	10	
Polidores de schisto	1	
Bloco de diorite polida (secção elliptica)	1	
Braceletes de concha	1	94
Furadores de osso	1	
Volantes de fuso (*fusaiolas*)		
Vasos inteiros	1	159
Conchas diversas	7	
Craneos humanos		

QUARTO GRUPO. ERVIDEIRA.—*Gruta VIII.*

O *Cabeço da Ervideira*, assenta sobre a vertente oriental do valle do Carvalhal. Foram nelle exploradas cinco grutas, tres ao centro, uma na vertente norte e a ultima na vertente sul. A gruta capital desta zona, situada ao centro de todas, será a unica de que me occuparei. Os poucos objectos que foram achados nas quatro restantes, limitam-se a laminas de silex, machados, e alguns silices lascados de uso indeterminado.

A gruta da *Ervideira* é um quasi *abrigo sob rocha*, de pequena extensão, mas de uma profundidade pouco superior a tres metros.

Apresenta-se uma pequena abertura que dá accesso a um espaço limitado, onde em planos muito nitidos se destaca o terreno humoso, proprio das grutas, e as argillas de transporte recente, effectuado em epocas muito proximas. Esse transporte devia ser auxiliado pelo desabamento de uma grande rocha que constituia parte do tecto ou cobertura.

Iniciada a exploração, appareceram muitos restos de loiça grosseira, alguns instrumentos de osso, restos de variados molluscos, ossos de boi, veado, cabra, coelho, raros silices talhados, e duas pontas de flecha. Nos cortes subsequentes repetem-se com extraordinaria abundancia os instrumentos de osso, moendas e placas de grés e ophite, muitos pedaços de quartzites, raros silices sem applicação, raros e imperfeitos machados.

Aggrupando por classes os diversos objectos, eis o que resultou:

INSTRUMENTOS DE SILEX.—Quatro laminas de facas e alguns pedaços pertencentes a outras. Duas pontas de flecha.

INSTRUMENTOS DE OSSO.—Muitos e variados. Furadores (figs. 135, 146, 147, 148), polidores pertencentes ao typo da fig. 145, punhaes (?) (fig. 136), restos de agulhas, pequenas espatulas (figs. 138, 142, 143, 144), e restos de muitos instrumentos que não é facil recompor. As placas d'osso, que denomino espatulas, são polidas nas duas faces, e o n.° 144 mostra estar incompleto.

INSTRUMENTOS DE SCHISTO.—Grosseiros machados e enxós, mal esboçados e pessimamente polidos.

DIVERSOS.—Muitos pedaços de quartzite cinzenta e diversos silices ricos em côres, mas sem conhecida applicação.

INSTRUMENTOS DE OPHITE.—Moendas de diversos tamanhos, em geral partidas, muitos e variados pistillos dessas moendas, muitas placas, sendo tres inteiras, e que me parece terem servido para a cosedura de um grosseiro pão. Um grande martello com sulco nas duas faces para segurança de encabamento.

INSTRUMENTOS DE GRÉS.—Um grosseiro bloco de grés, apresentando numa das faces uma cavidade, que pode ter sido aproveitado para gral.

ENFEITES (?).—Os unicos objectos de enfeite (se não são symbolos de uma extincta religião da Força) que colligi nesta gruta, são: um dente canino, de *canis*,

dois de javardo, todos com buraco de suspensão (figs. 95, 96, 98), uma ponta de veado (fig. 101), igualmente perfurada.

Ceramica.—Grosseira, sem possibilidade de restauração, e não apresenta o mais leve signal de ornato. Acham-se muitos pedaços perfurados em tempo posterior ao seu fabrico.

Alimentação.—Os homens da Ervideira deviam ter sido pescadores, embora na sua alimentação entrasse a caça. A abundancia de conchas que colligi formavam uma grande parte do deposito da gruta; e dentre as que foi possivel classificar destacam-se muitos exemplares de: *Ostrea*, *Pecten*, *Solen*, *Mytilus edulis*, *Unio*, *Lutraria*, *Tapes*, *Cardium*, *Patella*, *Cassis* e *Pectunculus*.

Convem notar que o mar, então, estaria, pelo menos, a tres kilometros O, devendo bater nos actuaes contrafortes de Vestiaria, Maiorga, etc.

Considerações.—Todo o *Cabeço da Ervideira*, de uma formação geologica muito interessante, especialmente os lados N. S. O. me teem fornecido machados e enxós numa profusão que espanta. Conto mais de vinte exemplares, colhidos á superficie nas minhas demoradas e repetidas investigações.

Esta gruta foi a unica, de todas as que tenho explorado, que deu moendas de ophite e placas para a cosedura do grosseiro pão que devia fazer parte da alimentação do homem deste periodo. Nos terrenos adjacentes acham-se com frequencia pedaços de ophite e de grés, alguns sem forma adequada, e outros, a maior parte, que se podem reputar moletas ou pistillos de moendas, e alguns, ainda que mais raros, pedaços dessas moendas.

A ophite, em terras de Alcobaça, só se encontra a 9 kilometros a SO e O da *Ervideira* nos Cabeços typhonicos de S. Bartholomeu, Monte de Meios e Quinta do Castello; mas estes supponho que, ao tempo que esta gruta devia ser habitada, apenas afflorariam do seio das aguas, como pequenas ilhas que bordassem a costa. O ultimo desses montes assim permaneceu até meados do seculo XVI.

A frequencia dos pedaços de ophite, restos de loiça e machados, que acho dispersos por todo o *Cabeço da Ervideira*, lança no meu espirito uma extraordinaria confusão, visto que além de não achar nas grutas proximas vestigios de moendas, não encontro outras que definam ou expliquem o apparecimento e *modus vivendi* do homem da *Ervideira*. Não estou porém longe de suppor que esta gruta, a que mais se deve chamar *Lapa* ou *abrigo sob rocha*, pertença a um periodo em que o homem já não vivia exclusivamente ao abrigo da gruta protectora e providencial, mas que tendo conhecimentos da agricultura, construisse já habitações ligeiras e de facil architectura, cujos restos, melhor ou peor documentados, muito bem podem ter escapado á minha simples observação. O que noto com espanto é que devendo ella pertencer a um periodo muito mais proximo do que as grutas visinhas, os seus instrumentos de pedra sejam imperfeitissimos em desenho e acabamento.

É possivel que o apparecimento de outras grutas que se relacionem com esta, venha resolver, este, quanto a mim, difficil problema.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Pontas de flecha, silex	2	
Laminas de silex	4	
Laminas de silex, partidas	13	
Buris de silex	1	
Machados de schisto	9	
Machados de schisto, partidos	3	
Polidores de osso	6	
Furadores de osso	19	
Agulhas de osso, partidas		
Punhaes de osso	1	
Dentes de *canis*, perfurados	1	98
Dentes de javardo, perfurados	2	95, 96
Ponta de veado, perfurada	1	101
Dentes diversos	16	
Polidores de grés	1	
Moendas de ophite, incompletas		
Placas para a cosedura do pão	7	
Placas diversas		
Martello de ophite, com cancelluras	1	
Conchas diversas		
Restos humanos		
Restos de animaes differentes		
Quartzites e lascas de silex		
Loiça sem ornamentação		

ESTAÇÕES DAS EDADES METALLICAS

QUINTO GRUPO. *a*) Redondas.—*Gruta IX.*

A gruta das *Redondas*, vulgarmente conhecida por *Algar do João Ramos*, antigo possuidor da propriedade em que ella está encravada, abre-se numa pequena elevação de terreno que assenta na falda da serra de Candieiros, junto á pequena aldeia denominada *Redondas*.

Apresenta-se a gruta por uma abertura vertical, dando accesso a um plano rapidamente inclinado, numa extensão de trinta e seis metros. É muito ampla em toda a sua extensão e apresenta galerias em diversos sentidos.

Iniciada na parte mais funda, a primeira exploração, para facil arrumação de grande quantidade de pedra que se estendia sobre todo o deposito e que era impossivel transportar para o exterior, achei um bellissimo punhal de cobre (fig. 220), uma ponta de flecha do mesmo metal (fig. 196), e um pequeno vaso que restaurei (fig. 198).

O punhal é um riquissimo exemplar; ainda conserva os tres pregos de crava-

ção e perfeitamente indicada a parte occupada pelo cabo. Duas canelluras mal esboçadas estendem-se ao lado de cada gume, e em todo o comprimento deste precioso objecto.

Notei desde os primeiros trabalhos que o deposito recente era de pequena espessura, tendo, em media, vinte centimetros, e que por vezes assentava sobre um espesso manto de estalagmite terrosa, alternada e com predominio de grossa camada de argilla ferruginosa, que pertence, segundo supponho, a edades geologicas.

Fiz muito cuidadosamente toda a exploração do deposito recente e foi numerosa a colheita de instrumentos de cobre representados em dois machados (figs. 218, 219), lanças (figs. 189, 192, 193, 198), pontas de flecha (figs. 190, 191, 194, 196), pequenos estyletes (figs. 195, 197), em numero que se pode avaliar no respectivo mappa e os vasos inteiros e restaurados que vão representados nas figs. 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182.

Os mais curiosos objectos que appareceram nesta gruta foram pequenas placas de schisto com dois buracos de suspensão (figs. 209, 210). Colhi dois exemplares inteiros, e outro que foi fracturado pelos dois buracos, conservando a parte media, em cada extremo, evidentes signaes de perfuração.

É este um novo documento de archeologia prehistorica de Portugal. As grutas de Alcobaça que deram objectos identicos foram: *Mosqueiros* (baixa), (fig. 214), que deu uma placa incompleta, e o *Cabeço da Ministra*, outra tambem incompleta (fig. 79).

Numa das galerias N., e junto de restos de grandes vasos, incluindo o que vae representado na fig. 177, foi achada uma porção de trigo carbonisado, e outras sementes que infelizmente se perderam. O trigo pode observar-se com toda a nitidez, porque, perdendo todos os elementos constitutivos, menos o carbone, mantem intacta a sua forma primitiva.

Em pedra apenas foram achadas duas laminas de silex, dois machados de schisto, e estes com o gume obliterado, mas polido, o que parece demonstrar diversidade da primitiva applicação.

Como enfeites apenas achei valvas de *pectunculus* perfuradas, uma conta de azeviche e outra conta ou botão, de osso (fig. 230).

Das conchas achadas destacam-se exemplares de *pecten*, *cassis* e *pectunculus*.

Restos humanos alteradissimos, e que não deviam pertencer a mais do que um individuo. Não achei ossos de animaes que indiquem a especie de alimentação do homem das *Redondas*.

O que torna esta gruta mais notavel, e que a faz considerar typicamente uma estação da edade do cobre, é que, quasi todos os objectos parece nunca terem servido. Quasi todos teem a linha de imperfeito acabamento, outros conservam nitidas as linhas de martellagem, e todas as arestas e gumes tão vivas que deixam vêr o pouco ou nenhum uso que tiveram.

A esta região podem referir-se os machados de cobre de *Valle de Ventos*, *Carvalhal de Turquel*, *Evora* e *Arrimal*.

Não posso deixar de chamar para esta gruta a attenção dos archeologos e geologos, attendendo á circumstancia que nella se dá. Protegido pelo deposito que explorei, e em parte pelo manto estalagmitico, existe, segundo creio, um grande deposito quaternario. E não são elles tão vulgares no nosso paiz que mereçam ser abandonados. Se não fiz a exploração deste jazigo, é porque tendo pedido a visita scientifica do meu erudito amigo P. Choffat, ainda, até hoje, a não recebi. Não desejo fazer a sua exploração sem a assistencia de um geologo cujo nome chegue para authenticar os objectos que porventura nella possa encontrar.

Num pequeno corte de reconhecimento que pratiquei, descobri ossos pertencentes a um grande individuo de *equus* e dentes de outro grande herbivoro.

Fica pois assignalado este deposito.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Machados de cobre	2	218, 219
Pontas de lança, de cobre	2	189, 193
Pontas de flecha, de cobre	8	190, 191, 192, 194, 196, 198
Estilletes de cobre	7	195, 197
Punhal de cobre	1	220
Placas de schisto com dois buracos para suspensão	3	209, 210
Contas de azeviche	1	
Machados de schisto com gume obliterado	2	
Botões de osso	1	
Laminas de silex	2	
Vasos inteiros e restaurados	8	

b) Cabeço Rastinho.—*Gruta X.*

O *Cabeço Rastinho* fica ainda no prolongamento do Valle de Carvalhal e um pouco a L desta povoação. É uma gruta de exiguas dimensões, e onde ainda depois de explorada só pode entrar-se de rastos.

Procedendo á exploração que se fez de um só corte, foram colhidos restos humanos, uma bella lança de cobre (fig. 184), um machadinho de fibrolite (fig. 74), outro de calcareo jurassico (fig. 72), uma pequena placa de spatho calcareo, indicando uso, e duas laminas de silex.

Os dois pequeninos machados foram encontrados a um canto da gruta; o de calcareo tem as linhas de muitos machados da *Collecção de Alcobaça*. A ambos terei de referir-me quando tratar em capitulo especial destes e doutros micro-instrumentos.

O *Cabeço Rastinho* fica junto do *Cabeço das Corsas;* e a um pequeno espaço circular, limitado por um grosseiro muro em que predominam pedras aprumadas, refere a tradição local uma curiosa lenda.

Nesta região devem existir outras grutas, mas não foram até hoje descobertas.

c) Cabeço da Ministra (media).—*Gruta XI.*

Uma pequena gruta que apenas forneceu metade de uma lança de cobre (fig. 187), e alguns pedaços de enxofre.

d) Cabeço da Ministra (baixa).—*Gruta XII.*

Outra pequena gruta, cuja exploração colheu uma lança de cobre, com buraco para cravação (fig. 185) e um machado de schisto.

SEXTO GRUPO. Cabeço dos Mosqueiros (baixa).—*Gruta XIII.*

Encravada entre as nove grutas neolithicas que explorei nesta zona, e num quadrado que pode medir cem metros de lado, descobri ultimamente esta pequena gruta, que além de pertencer a uma phase de civilisação relativamente recente, é extraordinaria pela sua especial disposição. Abre-se uma pequena galeria que só pode transpôr-se de rastos, e entra-se num recinto pequeno, separado de outra galeria por uma espessa parede natural tendo ao centro uma pequena abertura difficil de transpôr.

Procedendo á exploração, que não poude ser feita com o rigor que desejava, colligi poucos mas preciosos objectos.

Um bello vaso que restaurei (fig. 175), cuidadosamente tratado á roda de oleiro, de delgadas paredes e de preciosas linhas.

Uma esphera de ophite, com quarenta e nove millimetros de diametro. Não avalio a applicação deste curioso objecto, que não acho repetido.

Uma bella conta de vidro azul cobalto, com circulos concentricos esmaltados a branco, e com largo orificio. Mede vinte e seis millimetros de altura e trinta e tres no maximo diametro (fig. 213). Um pequeno machado de cobre com noventa e oito millimetros de comprimento (fig. 221).

Metade de um vaso igual ao n.° 182, que foi achado nas *Redondas.*

Metade de uma placa de schisto (fig. 214), identica ás que que foram achadas na gruta das *Redondas.*

Um objecto de cobre que pode classificar-se malha ou parte de qualquer objecto de enfeite, de largo vulto e trabalho (fig. 234).

Um volante de fuso (fusaiola). Raros restos humanos. Ausencia completa de restos animaes e de instrumentos de pedra.

A conta de vidro esmaltada a branco, a perfeição do vaso representado na fig. 175, parece deixarem suppor uma phase de civilisação que se approxima daquellas a que Estacio da Veiga, no Algarve, faz approximar da phenicia.

SETIMO GRUPO. Casa da Genia.—*Gruta XIV.*

Ainda no mesmo Valle do Carvalhal, um pouco ao sul do *Cabeço Rastinho*, explorei uma gruta, que o povo denomina *Casa da Genia*, e que pode referir-se indeterminadamente á edade do ferro.

No seu pequeno mobiliario, acham-se pedaços de loiça de espessas paredes, pequenas barras de ferro muito alteradas, uma pequena esculptura em osso e um calhau rolado de durissimo grés, que conserva claros indicios de ter servido de safra, com extensa duração de trabalho. Nos seus dois lados existem cavidades, umas que parecem produzidas por pancadas repetidas de um martello com batente curvo, e outras que parecem devidas a um attricto demorado, mantido com movimento circulatorio, como no ponto de appoio de um eixo vertical.

O objecto mais curioso desta gruta é a pequena esculptura em osso, repetida sem a mais ligeira differença nalgumas estações hespanholas. Vae figurada no n.º 232. Ao que deduzo representa um homem. Parte do corpo apresenta-se nú, e outra parte coberta como que por armadura. Um crusamento de linhas praticado sobre a caixa thoraxica, e passando sobre os hombros, lembra uma couraça com a respectiva gollilha. Na cabeça assenta um como que turbante, em cuja parte superior existem cortes que lembram uma corôa aberta. A parte nua é a menos perfeita. Um buraco praticado no sentido transversal á figura, e correspondente aos braços, deixa suppôr que esta pequena esculptura fosse destinada a usar-se suspensa de collar ou *torques*.

Não continha ossos de qualquer especie, nem outros objectos além dos enumerados.

OBJECTOS INDETERMINADOS

Por toda a provincia archeologica de Alcobaça abundam os instrumentos neolithicos, com o predominio de machados, enxós, polidores e não raras vezes laminas de silex e pontas de flecha da mesma substancia. Colhidos avulsamente, não servem para mais do que documentar a longa permanencia e densidade de população em tempos neolithicos.

Dentre os machados que refiro, destacam-se bellos e raros exemplares de schisto e muito especialmente de fibrolite. Desta substancia são notaveis os machados achados em Alcobaça, propriamente, e uma bella arma que vae figurada no n.º 233 e que foi obtida por intermedio do meu amigo José Diogo Ribeiro.

Os mais pezados de todos os da collecção de Alcobaça estão representados por exemplares vindos de *Evora*, 1.310 grammas, *Redondas*, 1.060 grammas, *Gruta do Cabeço da Ministra*, 935 grammas, muitos exemplares de mais de seiscentas grammas; o peso medio é de meio kilogramma

Os instrumentos de cobre são menos vulgares, e teem sido achados sempre no prolongamento da falda da serra.

Sepulturas com documentos são raras, a não ser do periodo luzo-romano. Excepto a que foi explorada pelo meu amigo José Diogo Ribeiro, e que pode referir-se á edade do cobre, não tenho seguro conhecimento de outras.

Ha todavia um curioso vaso da *collecção de Alcobaça* que vae figurado no n.º 235, a respeito do qual não posso emittir segura opinião attendendo ás condições

do achado. Darei a narrativa, aliás comprovada por testemunhas, feita pelo homem que o guardava, com bastante estima: Ahi por mil oitocentos e trinta e tantos, pelas guerras dos *Migueis*, andava o meu avô a arrancar lenha na Charneca, junto do *Cabeço da Mina*, e uma grossa raiz de aroeira que elle quiz deslocar, levou-o a affastar algumas lages, que cobriam um pequeno corredor formado por duas grandes pedras. No meio delle, e coberto por uma *lojota* estava um grande pote. O avô destapou-o, e lá dentro estava coisa que parecia oiro. Cobriu novamente o corredor para que ninguem visse, e de noite foi lá com a avó. Mas em vez de oiro achou carvão, e cavando deu com ossos de gente. O pote veio e é este.

O neto desse velhote chama-se José Luiz, do Carvalhal de Aljubarrota.

Supponho que se trata de uma sepultura, e creio que o carvão que o homem achou dentro do pote não seria carvão de lenha, como elle suppoz, mas cereaes carbonizados, como os que achei na gruta das Redondas. Infelizmente passaram os annos e hoje é impossivel determinar o logar em questão.

O vaso, de capacidade de 60 litros, é um bello exemplar. Ornam-lhe o bojo largos cordões e pregarias, e tres azas muito graciosas, como se fossem para demorada suspensão, succedem-se em distancias iguaes. Toda a face externa apresenta um ensaio de grosseira esmaltagem a verde-escuro.

Os fornos de fundição, de espessas paredes cylindricas, de argilla endurecida, estendem-se pelo Valle do Carvalhal, e apparecem na Charneca da Boa Vista. Não achei junto delles quaesquer objectos que possam servir para determinar uma epoca.

III

Ethnographia da provincia archeologica de Alcobaça

NEOLITHICO

Antes de entrar propriamente no assumpto que subordino á epigraphe *Ethnographia da provincia archeologica de Alcobaça*, desejo fazer algumas declarações para não ser alcunhado de leviano pelos meus collegas da archeologia portugueza.

Nas muitas explorações que fiz — sem auxilio official — empreguei sempre o maior cuidado possivel; foram feitas debaixo da mais rigorosa observação e creio ter cumprido cabalmente o que a sciencia aconselha.

A classificação de objectos foi feita exclusivamente sobre as que tinham caracteres typicos, para não pejar e prejudicar mais do que já anda a archeologia de Portugal. Os objectos de forma, uso e acabamento indiscutiveis serão os unicos referidos nas illustrações deste trabalho. A forma casual, meramente casual, só quando muito accentuada será referida a titulo de curiosidade.

Serei exaggerado, mas hei-de ser verdadeiro.

Os machados da collecção de Alcobaça, em numero de duzentos e setenta e oito, apresentam variadissimas formas, que na maior parte se podem attribuir á maneira como fendeu e partiu o bloco de schisto que o devia originar. Ha exemplares em que não foram ganhas pelo trabalho de polidura as cavidades mais profundas deixadas pela linha de fractura ou pela constituição especial da rocha; outros em que a unica manifestação de trabalho se limita ao aperfeiçoamento do gume; outros ainda em que se vê a preoccupação da forma, obtida com grande trabalho, e não só a forma, mas o polido que é irreprehensivel em toda a superficie. Embora na *collecção de Alcobaça* exista o predominio de certas formas, é certo que se

vê muito claramente que o acaso da fractura foi quem concorreu mais poderosamente para a largura, espessura e comprimento de todos ou quasi todos e que foi, portanto, a fractura quem deu a maior contingencia para a grande variedade.

Creio que poucas serão as collecções portuguezas onde o typo machado se possa estudar tão largamente como na collecção de Alcobaça.

Sobre as questões de forma não posso dizer outro tanto com relação aos instrumentos de silex. Nestes não era o acaso quem dava a forma; havia a intenção de operar de certa maneira, e operava-se com segurança. Podia variar um pouco o tamanho pela fractura, mas a forma variava só com a intuição artistica, com a esthetica do operador. Em silex operava-se como se queria, porque isso algumas vezes representava uma necessidade, uma adaptação especial. Nos instrumentos de silex procuravam-se linhas para secção ou perfuração, e isso tinha que satisfazer a uma quasi averiguada segurança de ferir a distancia. Era indispensavel um nitido gume ou uma acerada ponta. É o que se demonstra nas pontas de lança e de flecha, e ainda nas pontas de flecha de gume transversal.

Nos *machados*, *hachas* ou *maças* procurava-se apenas um instrumento de certa forma equilibrado, capaz de encabamento, no maior numero de casos, e para que era indispensavel uma parte acuminada, para segurança do golpe. Dadas as condições de equilibrio, pouco importava o rigor da forma.

É certo que nalguns se manifesta um grande cuidado de forma e de acabamento, e muito especialmente nos machados de fibrolite, mas esses creio-os verdadeiras joias da arte neolithica, e não armas, como a tempo exporei.

As classificações classicas de *machados*, *enxós*, *formões*, *cinzeis*, etc. e que segundo me parece são extemporaneas, submetto-as a uma só: — *machados* — reservando para estudo de diversa natureza, e baseado não só nos exemplares que tenho colligido, mas ainda em outros que por ventura obtenha em successivas explorações.

A *collecção de Alcobaça*, colhida numa pequena facha de terreno portuguez, ha-de, tenho a certeza — concorrer para o estudo seguro da prehistoria nacional e ha-de definir se certos instrumentos são resultado de aperfeiçoamento local, ou se estão ou não relacionados com estações mais ou menos afastadas.

Nos silices que classifico refugo, não procurei intenção de coisas nem de objectos, porque isso seria confundir o acaso da fractura com a intenção artistica, e levaria a um estudo defeituoso e errado que lançaria na archeologia uma desgraçada nota.

Quanto a mim, a archeologia não deve ser uma sciencia de fé, dependente de suggestões; deve ser apenas fria e nitida como uma lança de silex.

No entretanto esses silices de refugo, achados nas estações de Alcobaça, estão, como toda a collecção, á disposição de todos os que a queiram vêr e estudar.

Os restos osteologicos, exceptuando sete craneos em que se podem fazer alguns estudos de anthropologia, não estavam em condições de poder estudar-se; a minha boa vontade e um grande e demorado trabalho não chegou para poder archivar, capazes de estudo, quaesquer peças de valor.

Da loiça, foi colhida a que apresentava qualquer indicação de forma, ou qualquer especie de ornato. A forma, especialmente, foi uma das minhas grandes e constantes preoccupações; mas o estado em que achei todos os pedaços e a quantidade delles era, por vezes, de tal ordem que não consegui restaurar e colligir mais de quatro vasos em todas as grutas, excepto *Redondas*. Por alguns pedaços consegui reconstituir alguns vasos, como a tempo indicarei.

A escolha de todas as peças de mobiliario — para classificação — foi subordinada aos principios expostos.

Do minucioso exame a que procedi em todas as grutas antes e durante todos os trabalhos de exploração, resultou convencer-me de que nenhum dos depositos estava intacto.

Nas mais extensas achei perfeitas galerias, cavadas recentemente por carnivoros, como a raposa e o lobo, e algumas vezes pelo texugo. Essas galerias abrigavam o ninho e portanto a creação desses animaes.

Os calhaus, que cobriam em grande altura a maior parte do deposito das grutas, foram indiscutivelmente projectados para ali, em tempos muito proximos, pela tendencia que teem todos os pastores de atirar pedras aos algares, e pelo uso, ainda hoje vulgar, de entaiparem as raposas dentro das covas por meio de grandes morouços.

Outros factores concorreriam para completo revolvimento das grutas e não estou longe de suppôr que posteriores civilisações o fizeram em busca de armas ou outros quaesquer instrumentos.

Homem. — De todas as grutas que explorei só colligi sete craneos susceptiveis de estudo. Na raça do Carvalhal ha o predominio de dolichocephalia com influencia de brachicephalia. Prognatismo evidente só se apresenta num craneo, mas este com larga deformação, creio que artificial. Os poucos ossos longos que colligi indicam uma raça de pequena estatura, mas de fortes e potentes musculos.

Não achei ossos com anormalidades, e esses, a existirem, não permittia o seu estado avaliar com segurança e documentar com valor qualquer especie de variante ou defeito.

Em nenhuma das grutas foi possivel destacar peças osteologicas de certo valor, nem mesmo daquelles esqueletos de que arranquei os craneos. Estes foram encontrados sempre defendidos por pedras, que os abrigavam de choques.

Nas proprias grutas funerarias estavam esmigalhados os ossos longos e largos; e os pequenos bocados a que estavam reduzidos os craneos, affirmam um demorado e repetido revolvimento a auxiliar a alteração natural desses elementos de estudo. Os ossos curtos foram os que mais resistiram á acção do tempo e aos diversos agentes de destruição.

Em alguns casos achei juntos diversos elementos da caixa thoraxica, mas as costellas e vertebras que parecia manterem-se intactas e resistentes, perdiam-se completamente logo que, embora com extraordinario cuidado, tentava deslocal-os.

Não foi possivel, portanto, realisar a minha grande ambição de poder reconstituir com certa probabilidade o homem neolithico do Carvalhal.

E não foi sem um extraordinario desgosto que perdi a esperança de realisar este ideal: — completar os restos de um homem que tivesse pisado a minha terra ha tantos milenios, e que muito bem podia ter sido meu afastadissimo ascendente. A todos os meus trabalhos não presidiu só um grande amor pela sciencia, presidiu tambem um grande culto, cheio de transcendente poesia, por essa extraordinaria raça, que eu supponho vêr ainda occulta e receosa por entre os grandes monolithos desta região, esperando a passagem de qualquer peça de caça, que vejo ainda talhando as extraordinarias lanças que eu hoje beijo dominado por uma grande commoção.

Foi portanto um mixto de amor pela sciencia, uma atavisada forma da religião da ascendencia, e esta evidenciada por um profundo e sentido culto, que me levou a vêr em cada gruta um altar em que posso venerar a sciencia e em que posso dar largas á minha religião phantasista.

MODO DE SER. — Quando a primeira colonia, seguindo talvez uma manada de caça, chegou e se agasalhou na gruta da *Lagoa do Cão*, que por emquanto reputo a primeira habitação, ou o primeiro de todos os abrigos do homem em terras de Alcobaça, uma espessa floresta, poderosa e exhuberante desceria, serra abaixo, em grandes ondulações, até vir mergulhar-se no mar que perto bateria, nos contrafortes das grandes montanhas poentes.

Curtas lagôas espelhariam a ondulante ramagem, e nas fundas ravinas, onde correriam fitas d'agua, cresceriam as plantas mimosas e phantasticas.

Cafilas de animaes ferozes uivariam em toda a volta em curtas clareiras matizadas de lichens de variadissimas côres, com desenvolvimento favorecido por a densa ramaria das arvores duplamente seculares. Troncos apodrecidos, cahidos obliquamente sobre outros que cresciam nos seus despojos, eram abraçados por heras espessas e outras trepadeiras desapparecidas. Do solo humido, coberto de musgos e folhas seccas evolavam-se os balsamicos perfumes acres e caracteristicos das sombrias florestas. Solo de podridão originando delicados aromas. No ar haveria a musica das aves, por entre a alegria das flores.

Pujante natureza começada a entender pelo animal homem. Por sobre a cabeça do homem que passava, sem mais raciocinios do que os da defeza, sem mais aspirações do que o alimento, cabeça onde ainda não florescia a poesia do sentimento, nem a ancia da gloria posthuma, cerebro pujante mas sem as correspondencias de uma nitida linguagem, producto natural que as convenções não tinham conspurcado, estendiam as arvores a poesia das flores e a utilidade dos fructos.

Dominado pelo perigo eminente do ataque das feras, pouco mais conhecia do que as diversas maneiras de sahir vencedor. E era numa extraordinaria ancia que elle fabricava as suas armas, e numa feroz alegria que elle descobria novas formas, novos instrumentos, novas maneiras de vencer.

Das suas armas dependia a sua vida, da sua agilidade, da perfeição dos seus sentidos, estava dependente a sua segurança e por vezes a da propria colonia. De cada moita sahiria um corpulento inimigo, de cada pedra poderia sahir outro peor. Lucta medonha, incalculavel, constante.

A pequena colonia, ou porventura a vinda de novas colonias chamadas de longe, deu um contingente de população que pouco a pouco se alargou, e que, com o decorrer dos seculos se desenvolveu para norte até formar a poderosa povoação dos Valles do Carvalhal.

A região abundante de caça, perto lagôas e rios que deviam fornecer abundante pescado, ricas as florestas que offereciam saborosos fructos, tudo isto fez do homem, porventura nomada, um seguro e garantido sedentario. Neste pequeno canto do mundo punha a natureza á sua disposição tudo o que era preciso á sua laboriosa existencia. As grutas, nas curtas planuras e nas vertentes mais ou menos rapidas, abriam-lhe a bocca protectora, e asseguravam-lhe um precioso abrigo; os artigos da sua parca alimentação surgiam em volta numa abundancia que constituia riqueza; as proprias rochas indispensaveis para as suas armas não estavam a distancia que não se julgasse proximas. Nada mais era preciso para uma assegurada existencia.

Com o desenvolvimento da população cresceram os elementos de defeza, que traziam um certo bem estar, um certo descanço, e dessa garantia, dessa segurança, advinham indiscutivelmente muitos factores de progresso.

Sendo, como devia ser, abundante a alimentação, longas horas cresceriam desse labutar constante, desse luctar para comer. Como resultante desses factos inesperados, surgem sympathias, interesses, observações, com afastamentos da — propriamente — animalidade:—esboçam-se sentimentos, avultam aptidões, assomam reconhecimentos, e o homem começa a surgir, admirado talvez de si mesmo, e transforma-se, levanta-se, avulta e desenha-se como nós hoje o vêmos atravez dos longos milenios que o afastam de nós.

Sendo assim, pode dispensar ao fabrico de armas mais attenção, pode esboçar na sua grosseira loiça a nota creadora da ornamentação, pode variar a forma dos vasos e a precisão das armas.

A esthetica solta os seus primeiros passos vacillantes e surge a ideia, melhor ou peor entendida, do bello.

Destaca-se o artista do caçador. Estabelece-se a permuta. Nasce o commercio. Em pouco tempo tem a colonia uma poderosa officina. A materia prima chegará tambem, trazida de longe por quem não sabe operal-a.

E emquanto o mais apto caçador por entre as asperezas da floresta abate os veados e os javardos, ou em demoradas pesquizas busca as raizes succolentas e condensa a provisão de fructos, outra aptidão, na gruta, fabricava pacientemente as armas precisas para a defeza da colonia.

E, entregue ao moroso e socegado trabalho das armas e dos utensilios, entra

o cerebro nos dominios da phantasia, lança-se no campo das observações. Começa a vêr o sol que o aquece, a lua que o alumia de noite. Começa a escutar o som das tempestades, o fragor das correntes, a tristeza da morte.

Confunde tudo isso numa expansão mental, sem nitidez, onde não ha ainda a segurança da ideia, a analyse do facto, a conclusão do raciocinio.

E então começa a vêr, a estudar, a esperar. E cada observação, porque tudo é novo, traz um reconhecimento, e cada reconhecimento traz uma ideia, que é um passo seguro no caminho do futuro. Dessas observações, desses reconhecimentos vem a ancia de saber mais; e então no decorrer de extranhas phantasias destacam-se grosseiros esboços de sentimentos. Da abstracção do sonho vem a religião dos mortos, da abstracção da lucta vem a religião da Força, da gratidão surge a religião dos astros, a religião do fogo, a religião das arvores.

A religião dos mortos dá as grutas funerarias; a religião da força transforma em amuleto o canino das feras; a gratidão traz a adoração do sol que aquece, da lua que alumia de noite, da arvore que dá o fructo, a arma, e a sombra.

Da vaga confusão da vida objectiva e subjectiva desencadeiam-se erradas e mysteriosas interpretações, cujo alcance e documentos desapparecem á nossa analyse, escapam á nossa observação.

A instituição da familia, e a grosseira instituição da colonia, devem depois surgir, o que me parece estar documentado nas pequenas grutas de reduzido mobiliario, que deixam esquiçar, muito confusamente, formas imprevistas, talvez mesmo categorias sociaes. E então vejo desabrochar a primeira flôr da intelligencia humana na poderosissima poesia do sentimento.

Comprehendendo assim, parece-me ter indicado, com grande probabilidade, o grau ethnometrico do homem do Carvalhal.

Elementos de defeza

MACHADOS.—Não é longa a serie das armas com que o homem neolithico sahiu vencedor, com que assegurou e garantiu a sua tumultuosa existencia. A herança dos seus afastados, que era o simples machado de silex talhado, de um acabamento grosseiro, estava transformado num delicado objecto, rico de côres, gracioso de forma, e de facil manejo, attendendo ao seu peso.

As variadas rochas para essas armas de combate eram escolhidas pela resistencia, pela côr e pela facilidade do polido. Diversos schistos de côres variadas, algumas diorites, raras vezes granitos foram as rochas escolhidas. O schisto dava a resistencia requerida para uma arma, e facilmente um bello polido para os mais exigentes. E assim estaria resolvida a forma de obter uma arma ao mesmo tempo boa e bella.

Os machados colhidos nas grutas, e o maior numero dos que se teem achado avulsamente em terras de Alcobaça são de mediano talhe, e o seu peso varia muito

pouco de quinhentos grammas. Os grandes machados são tão raros, como os extremamente pequenos.

Os maiores e mais pesados succedem-se na ordem de peso, 1.310 grammas, 1.065, 935, 790, 760, sendo o terceiro de rocha dioritica achado na gruta do *Cabeço da Ministra* e os restantes colhidos avulsamente.

O que eu não sei é explicar as causas que concorreram para o abandono de tantas destas armas por todas as terras de Alcobaça. E phantasio então grandes luctas onde o homem seria vencido, por vezes devorado pelos grandes carnivoros. Vejo-o outras vezes fugindo amedrontado, abandonando tudo o que possa demorar-lhe a fuga, tudo o que possa prejudicar-lhe a agilidade.

PONTAS DE LANÇA. — Os quatorze exemplares de lanças de silex, da *collecção de Alcobaça*, referem-se a diversos typos e formas, como se pode vêr nos respectivos desenhos. Destacam-se entre ellas dois bellos exemplares, o n.º 2 do *Cabeço da Ministra* e o n.º 8 de *Valle do Touro*, que mais parecem pontas para desenho do que propriamente armas offensivas. A sua grande largura, que dava difficil e curta penetração, a espessura que dava uma arma pouco resistente, e o espaço perdido pelo processo de encabamento, fariam dellas uma arma de pequeno valor. E não só estes motivos, mas ainda o acabamento muito notavel de ambos os exemplares, faz-me suppôr que sejam instrumentos de desenho, quando ainda é certo que esses dois exemplares provieram de grutas onde existiam placas de schisto com gravura.

Todos os exemplares de lanças que possuo foram colligidas apenas em tres grutas, o que me leva a acreditar que ellas seriam difficeis de obter, ou que não seriam armas verdadeiramente indispensaveis no arsenal neolithico.

PONTAS DE FLECHA. — São noventa e quatro as pontas de flecha que colligi em cinco grutas, e entre ellas exemplares de um bello acabamento. Podem referir-se a muitos typos para um estudo comparativo, que neste momento pouco importa. Destacam-se bellas pontas com finissimo denticulado, e este repete-se tanto nas que foram obtidas por difficil apparelho ou demorado talhe, como nas que foram aproveitadas nas linhas iniciaes de fractura. O silex empregado varia muito de côr, desde o transparente ao leitoso da agatha, mais opaco, ou ao defumado mais carregado. A forma geometrica que serve de base a essas bellas reliquias é o triangulo, variando a base com o corte em crescente (figs. 14, 23, 24), ou ligeiramente pedunculada, (figs. 13, 15, 19, 22, 25, etc.)

Mais raros são os exemplares que teem por base o losango (fig. 21), que além de serem de extrema pequenez, não revellam preoccupação de acabamento.

O tamanho é muito variavel, e comprehende-se entre desenove e cincoenta e sete millimetros.

Apesar da grande quantidade de pontas de flecha da *collecção de Alcobaça*, noto que foram colhidas apenas em cinco grutas, o que me faz acreditar que ellas tambem não constituiriam armas indispensaveis ao homem do Carvalhal.

PONTAS DE FLECHA DE GUME TRANSVERSAL. — Foram achadas no *Cabeço da Ministra* e *Calatras* (alta), representadas em desenove exemplares, sendo as mais typicas as que vão figuradas nos n.ºs 28 a 39. Estas pequenas armas são sempre obtidas pela fractura de laminas de facas. Os n.ºs 28 e 33 parece satisfazerem as condições exigidas para os dois typos de pontas de flecha.

Instrumentos de trabalho

GOIVAS. — Só uma gruta, *Cabeço da Ministra*, forneceu um exemplar deste curioso instrumento. Outro foi achado avulsamente em terras de Alcobaça (Evora).

CINZEIS (?). — É variada a serie destes mysteriosos instrumentos, e o maior numero tem vindo de diversos pontos, havendo raros exemplares achados nas grutas.

ENXÓS (?). — É muito rica a collecção de Alcobaça. Uma grande parte achada nas grutas, outra colhida avulsamente em diversas localidades. O exemplar mais notavel pelo tamanho e pelo acabamento é o que foi achado junto de um bello instrumento de fibrolite. É de schisto negro e mede dezesete centimetros de comprimento, por cincoenta e tres millimetros de media largura. Demonstra não ter tido uso, assim como o instrumento de fibrolite que vae figurado.

NOVO INSTRUMENTO DE SCHISTO (?). — É muito notavel um novo instrumento de schisto repetido em tres exemplares na gruta de *Calatras*. Vae representado na fig. 231. Não acho referencia a instrumentos identicos nas notas que tenho sobre archeologia portugueza, nem o acho referido nos estudos estrangeiros. Não sei portanto se estamos em presença de uma forma typica de archeologia nacional, ou se isto será simplesmente uma variante da enxó.

BURÍS DE SILEX. — Não são muitos os exemplares que colligi; limitam-se a cinco, colhidos em duas grutas (figs. 51, 52, 53, 54).

RASPADORES DE SILEX. — São nove os mais nitidos e retocados, e foram fornecidos pelas grutas de *Cabeço da Ministra* e *Calatras*. São de diversos tamanhos, e foram classificados pela completa linha de retoques que originou a curva que os determina (figs. 55, 56, 57, 58). Tanto os *buris* como os *raspadores* podem considerar-se verdadeiramente typicos. A coloração do silex estende-se desde o mais leve rosado ao mais carregado ferruginoso.

Não parece haver nos raspadores uma clara intenção de talhe; parecem apenas aproveitados das diversas lascas de apparelho. Outro tanto não acontece com os burís em que parece haver o aproveitamento de laminas de desbaste de um nucleo de silex.

LAMINAS DE SILEX (FACAS ?). — São muitas as dezenas de laminas de silex sem retoques. O que não colligi foi exemplares de grandes dimensões. As maiores attingem cento e quarenta millimetros. Continúa a variedade e riqueza de côres. As laminas repetem-se desde as de desbaste grosseiro, irregulares, de espessa secção, até outras, onde a espessura é inferior a um millimetro. Reconhece-se aqui duas

maneiras de operar: — a primeira obtendo laminas de espessa secção triangular, com falhas produzidas por contra-choques — *Lagôa do Cão*. — notando-se ainda nalgumas a linha aspera de desbaste: outra, a mais numerosa, obtendo laminas de secção trapesoidal, de pequena espessura, grutas restantes.

As laminas de silex deviam ser objectos verdadeiramente indispensaveis ao homem neolithico.

LAMINAS DE SILEX RETOCADAS. — Repetem-se em grande variedade nos dois typos de laminas, predominando as de secção trapesoidal. O mais nitido e intuitivo de todos os exemplares é o que appareceu na gruta de *Calatras* (alta) (fig. 66). Apresenta-se retocado em toda a sua extensão, notando-se uma graciosa curvatura que o distingue de todos os outros exemplares.

As laminas de silex retocadas e não retocadas foram achadas em maior ou menor numero em todas as grutas exploradas; e muitas houve que não forneceram outra especie de instrumentos. Estes instrumentos deviam ser de simples emprego na gruta — e, ao que parece, não seriam transportados, visto que em muitas grutas — *Cadoiço* (b), *Mosqueiros* (media), *Pena da Velha* (baixa), *Ervideira* (sul e norte), *Chiqueda*, *Valle da Figueira*, *Carrascal*, *Valle de Ventos*, *Valle de Espinho*, etc. — só achei algumas laminas de silex, algumas grosseiras lascas da mesma substancia, sem outra qualquer especie de instrumentos, a que ellas, geralmente, se acham ligadas. Em quasi todas appareceram raras lascas de silex grosseiramente fracturadas, que parece terem tido emprego, que desconheço. Não apresentam retoques nem aperfeiçoamento nas linhas iniciaes de fractura.

Um instrumento que pouco se repete na *collecção de Alcobaça*, é a lamina de silex retocada numa só aresta e num topo (figs. 59, 61), o que indica poder servir para dois usos diversos: o uso ordinario de lamina retocada, e o de raspador, com que se identifica essa maneira de retoques.

A grande quantidade de laminas de silex, partidas, que achei nas diversas grutas, affirma talvez, não só a sua fragilidade ao tempo do seu fabrico, mas, o que é mais, o seu aproveitamento. Em muitos casos reconhece-se que esses pedaços se transformaram em raspadores, especialmente as laminas de certa espessura, e portanto de requerida resistencia.

As laminas de silex de Alcobaça são motivo para um curioso estudo de especialidade, para o que se requer uma segura comparação com as de outras procedencias.

POLIDORES DE GRÉS. — Um pequeno polidor de grés foi colhido no *Cabeço da Ministra* e outro em *Calatras*.

Polidores de certa grandeza só foram achados na *Ervideira*.

POLIDORES DE SCHISTO. — Em todos os casos, excepto um, os polidores de schisto da *collecção de Alcobaça* são feitos de machados, em que o gume é mais ou menos obliterado, ou, mais rigorosamente, com espessa secção do gume. Um só exemplar do *Cabeço dos Mosqueiros* (alta) parece ter sido intencionalmente talhado

para esse fim. Um só exemplar foi achado avulsamente. Reputo-os instrumentos dispensaveis para o homem neolithico, e parece que o seu apparecimento com constante applicação se deve referir ao alvorecer das edades metallicas. Nas *Redondas* foram achados dois exemplares.

Instrumentos de osso. — lanças ou punhaes. — Um só exemplar colligi no *Cabeço da Ministra*, e esse em perfeito estado (fig. 137).

furadores. — É muito variada, e com diversa forma e resistencia, a serie destes instrumentos, o que deixa suppôr a sua muito variavel applicação (figs. 135, 136, 147, 148, etc.)

polidores. — Muitos exemplares colhidos em poucas grutas, mas com forma nitida a accentuada do seu fim (fig. 145). Outros exemplares da mesma e de inferior dimensão, na maior parte inteiros, definem com rigor a sua classificação.

agulhas. — Não consegui colligir nenhum exemplar inteiro, mas os pequenos e delgadissimos estyletes de osso que recolhi não parece terem pertencido a outra especie de instrumentos. Fig. 139, e outros da collecção.

espatulas (?). — Quatro placas de osso e uma de ponta de veado, muito delgadas, polidas nas duas faces (figs. 138, 143, 144), constituem documentos que não posso seguramente classificar, visto que não posso, com alguma prababilidade, avaliar a sua applicação. Todas ellas foram fornecidas pela gruta da *Ervideira*.

alfinetes com coroa ornamentada. — Serão tratados no capitulo especial:— *Enfeites*.

Os instrumentos de osso não devem ter sido objectos de primeira necessidade, porque só os achei em cinco grutas. Ha o predominio de furador, que apparece em cinco, e, em ordem immediata, o polidor em duas. Os alfinetes com corôa ornamentada, só foram achados no *Cabeço da Ministra*, e as placas ou espatulas na *Ervideira*.

Ceramica

Mantem a constituição de grosseira pasta, como nas restantes estações portuguezas de que tenho conhecimento. Ha o predominio da simples loiça sem ornamentação, e dos restos que colligi no *Cabeço da Ministra* posso suppôr vasos com formas conhecidas. Esta supposição baseia-se em pedaços que dão a linha de altura, e as suas faceis reconstituições. Estas formas referem-se a todas as grutas, excepto *Redondas* e *Mosqueiros* (baixa).

A ornamentação apresenta-se apenas em duas grutas, *Cabeço da Ministra* e *Calatras* (alta), e ahi mostra ella uma certa riqueza de linhas, podendo variar em mais de vinte os diversos motivos de ornato.

Um vaso, excepcionalmente bello na forma é o que foi achado no *Cabeço dos Mosqueiros* (alta) (fig. 159). Parece-me porem pertencer a um periodo mais avançado, não só pela forma geral, mas pela particularidade do bico, que se relaciona com o typo geral de cadinho.

No *Cabeço da Ministra*, especialmente, colhi restos de grandes vasos, o que se documenta pelos pedaços de grande curvatura, e pela espessura das suas paredes. A excepção aberta a toda a ornamentação, é a que se refere a restos de um grande vaso, achado na mesma gruta. Era elle enriquecido com brincados cordões em relêvo, como se pode avaliar pela fig. 169. A bocca era recortada e as azas de curta extensão.

Quasi todos os vasos de certa grandeza apresentam perfurações em diversas alturas e por vezes no proprio fundo, e, noto, com bastante admiração, que esses orificios não foram abertos no acto do seu fabrico, mas posteriormente á sua cosedura. Todos indicam com a maior claresa um trabalho igual ao que se observa na perfuração das placas de schisto. Este facto parece indicar vagamente um uso inesperado em certa phase de desenvolvimento, por ventura agricola.

Enfeites

Um facto extremamente curioso se deve notar nas grutas de Alcobaça: — o apparecimento de objectos que podem considerar-se enfeites, apenas em quatro grutas das quarenta e duas exploradas. Os enfeites de valor, como as contas de ribeirite, rocha ainda hoje preciosa e de origem exotica, apenas foram achados em duas grutas: *Cabeço da Ministra* e *Calatras*. As outras grutas, *Pena da Velha* e *Mosqueiros* (alta) deram, a primeira algumas contas de vidro alterado, que suppônho de origem romana, a segunda um bracelete feito de uma testeira de *pectunculus*. Todos os outros objectos pertencem ao *Cabeço da Ministra* e *Calatras*.

Ora este exclusivismo de enfeites achados em grutas que estão rodeadas de muitas outras, e em que estes não appareceram, levam-me a acreditar que esses ornamentos seriam talvez o distinctivo de categorias sociaes, e tanto mais quanto é certo que na maior parte das grutas adjacentes acho um mobiliario pobrissimo em numero e qualidade.

Outra coisa, não menos importante, é a relação que existe entre estes enfeites e as placas de schisto com gravura. Apenas tres grutas deram as placas de schisto, e só uma, *Valle do Touro*, não deu contas de ribeirite, dando em compensação tintas para tatuagem. Haverá effectivamente no Carvalhal uma aristocracia esboçada, umas distincções relativas de governo, direcção, regalias, ou será tudo filho de um simples acaso? Não sei.

Estas observações devem repetir-se em outras estações portuguezas, e poder-se-á chegar a conclusões seguras, e avaliar com certa probabilidade uma nova nota ethnica do homem prehistorico. É certo que em poucas partes de Portugal se acharão grutas tão unidas, tão relacionadas, mas o estudo comparativo operado com rigor no que ha feito, e nas que possam apparecer, ha-de chegar a resultados que offereçam uma relativa segurança. Vejamos pois a variedade de enfeites:

CONTAS DE RIBEIRITE.—Appareceram no *Cabeço da Ministra* e *Calatras*, notando-se na primeira as contas de forma mais vulgar n.os 107, 109, 111, 123, 127, etc. e em *Calatras* as de formas mais caprichosas n.os 102, 103, 104, 105, 106, 113, etc. O numero 113 é notavel porque foi ornamentado com pequenos traços parallelos, succedendo-se em toda a sua superficie. As pequeninas placas triangulares n.os 102 e 103 e os pingentes n.os 104, 105 e 106 pertencem a *Calatras*.

CONTAS DE AZEVICHE.—As cinco contas de azeviche (figs. 119, 120 e 121), foram achadas no *Cabeço da Ministra*, repetindo-se dois typos muito distinctos, e havendo algumas muito alteradas.

CONTAS DE SCHISTO, OSSO E CALCAREO.—As contas de schisto (5), de osso (1), de calcareo (3), pertencem ao *Cabeço da Ministra*, e entre ellas ha duas de schisto de pequenissimas dimensões.

A gruta de *Calatras* (alta), além das curiosissimas formas apontadas, deu a notavel placa de espatho calcareo (fig. 128), e um pedaço de *pecten* (fig. 130), ambos com buraco para suspensão.

CONTAS DE QUARTZO HYALINO.—Foi só uma (fig. 117), achada em *Calatras* (media), a que já me referi. É uma preciosissima joia da arte neolithica e creio não existir outra em collecções de archeologia. Essa gruta, como já referi, parece-me ter sido a sepultura de um chefe.

PLACAS DE MARFIM.—No *Cabeço da Ministra* uma lasca de marfim (fig. 101), apresentando numa das extremidades dois cortes para suspensão. Numa das faces nota-se uma bellissima côr amarella.

BRACELETES DE PECTUNCULUS.—No *Cabeço dos Mosqueiros* (alta) foi achado o bello exemplar que vae figurado no n.º 94, e a que por mais de uma vez me tenho referido. Resto de outro bracelete identico foi achado no *Cabeço da Ministra*.

ALFINETES DE OSSO COM COROA ORNAMENTADA.—Estes curiosos objectos, em numero de sete, só appareceram no *Cabeço da Ministra*. Os typos mais notaveis são os que vão representados nas figs. 89, 90, 91, 92, 93. Em todos os casos, excepto um, acha-se a coròa separada da haste principal; é ella formada por um cylindro quasi sempre vasado, em cujo interior entra, com maior ou menor aperto, a parte principal do alfinete.

TATUAGEM.—A tatuagem deve ter sido praticada no *Cabeço da Ministra* e *Valle do Touro*. As còres vermelha, amarella e negra estão documentadas, porque todas se acharam no *Cabeço da Ministra*. O negro e o amarello perderam-se, mas o amarello repetiu-se em *Valle do Touro*. O vermelho era obtido pela *hematite terrosa*, o amarello pela *argilla ferruginosa* (ocra). A côr negra é que não posso referil-a visto ter-se perdido durante a exploração do *Cabeço da Ministra*. Os blocos de hematite terrosa deixam vêr, nas suas diversas facetas, produzidas pelo gastamento contra uma superficie um pouco aspera, as estrias mais ou menos profundas que advinham desse trabalho.

O bloco de argilla ferruginosa, do *Valle do Touro*, está quasi todo envolto em espessa patina calcarea, e deixa vêr numa das suas faces uma funda cavidade, produzida, ao que parece, pelo movimento circulatorio dos dedos a fim de operarem deslocamento de substancia.

Religiosidade (?)

PLACAS DE SCHISTO COM GRAVURA. — Apenas tres grutas das que tenho explorado em terras de Alcobaça, forneceram placas de schisto, e essas, excepto uma, sempre incompletas. *Cabeço da Ministra*, *Calatras* e *Valle do Touro*. Na primeira arrancaram-se diversos typos que vão representados nos n.os 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86 e 87, algumas das quaes abrem excepção ás que tem sido achadas em outras estações portuguezas.

Calatras deu o n.º 88, e um outro pedaço sem ornamentação, e *Valle do Touro* o n.º 89, que é o unico exemplar que tenho achado inteiro.

Convem notar que as placas n.os 78 e 81 teem gravura nas duas faces; no primeiro exemplar repete-se a parte inferior, sensivelmente indicada pela linha de fractura, no segundo repete-se, em tudo identica, a outra face.

Já tive occasião de me referir ao n.º 78, em que me parece vêr uma representação zoomorpha, provavelmente humana.

PEDAÇOS DE ESPATHO CALCAREO. — São muito interessantes os curiosos pedaços de espatho calcareo, n.os 211, 212, 215; no n.º 215 parece-me vêr esboçado um grosseiro crescente, e o n.º 212 apresenta, como o primeiro, diversas superficies de gastamento, ou para lhe dar forma especial, ou para deslocar substancia. O que porém me levou a agrupar aqui estes objectos foi a nitida intenção que presidiu á formação do n.º 211. Apresenta elle, como se vê, uma figura conica muito alongada e levemente truncada, e mantem todos os signaes de trabalho para lhe ser dada aquella forma, incluindo ligeiras facetas em toda a extensão.

CANINOS DE FERAS E PONTAS DE VEADO COM BURACO PARA SUSPENSÃO. — N.os 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101. Foram achadas em diversas grutas de Alcobaça: — *Cabeço da Ministra*, *Calatras*, *Ervideira*, *Mosqueiros*, e em muitas outras encontraram-se sem buraco para suspensão, e sem peças osteologicas dos animaes a que pertencem. Só a Ervideira forneceu a ponta de veado perfurada.

Os dentes de urso foram achados na gruta da *Lagôa do Cão*, sem buraco de suspensão, é certo, mas sem peças osteologicas que tornem a sua estada casual.

Em todos estes preciosissimos objectos vejo eu documentos seguros de uma extincta religião. E essa religião: — a religião da *Força* — vou esboçal-a num largo parenthesis, por ser uma maneira individual de vêr e observar. Acceite ou não, pouco importa ao meu fim. E as minhas observações hão-de — com o que me darei por muito feliz — fazer com que em futuras explorações se ligue mais importancia a esses curiosos objectos.

EDADES METALLICAS

É cedo ainda para fazer seguras affirmativas sobre este periodo, tão pouco nitido na *provincia archeologica de Alcobaça*. O que no entretanto posso affirmar, é que a região do Carvalhal de Aljubarrota, não foi a mais querida dos homens da edade do cobre. A preferencia, então, parece manifesta em toda a zona hoje occupada por *Carris*, *Fonte Santa*, *Redondas*, *Chão do Gallego*, *Lagôa das Tallas*, *Carvalhal de Turquel* e dahi até á parte norte da freguezia da Benedicta; e depois de largo espaço nos *Casaes de Santa Thereza*, talvez *Athahija de Cima*, *Carvalhos* e *Porto de Mós*.

Os meus subsequentes trabalhos, depois de um reconhecimento seguro dessas regiões, lançarão alguma luz sobre esta minha hypothese.

IV

VARIA

MACHADOS PEQUENOS E MACHADOS COM BURACO PARA SUSPENSÃO—NOVO TYPO

É notavel o numero de machados pequenos que reuni na *collecção de Alcobaça*, e muito notavel tambem o seu acabamento, especialmente nos de fibrolite. Ha como que um requinte de linhas nos pequeninos machados desta rocha.

Vem de longe a discussão sobre o valor destes micro-instrumentos, e varía a opinião sobre o seu valor de armas votivas, simples amuletos, ou instrumentos de trabalho de applicação que hoje seria difficil determinar. Só as condições do achado podem definir, com certa probabilidade, o destino dessas delicadas joias.

Dos quatorze pequenos machados existentes na minha collecção noto haver: seis de fibrolite, um de calcareo jurassico, e sete de schisto; e, de todos, seis achados em grutas: —*Cabeço Rastinho* 2, *Cabeço da Ministra* 1, *Calatras* (alta) 2, e no *Cabeço dos Mosqueiros* 1. Dos restantes, sete vieram da região de Turquel, e só um foi achado em Vestiaria (fig. 71), região onde, aliás, não abundam instrumentos neolithicos.

Procedendo ao estudo comparativo do deposito das grutas, notei que os dois machadinhos n.os 72 e 74, achados na gruta do *Cabeço Rastinho* estavam ligados a uma lança de cobre; que o que foi encontrado no corte externo do *Cabeço da Ministra* (fig. 68), pertencia á zona em que achei objectos de bronze, e que só os de *Calatras* e *Mosqueiros* se não acham ligados a instrumentos metallicos, embora não estivessem a profundidade que torne a sua origem absolutamente neolithica.

Por outro lado, os sete, e por ventura dos mais notaveis, vieram da região de Turquel, que foi a preferida pelo homem das edades metallicas, como a necropole do *Chão do Gallego*, as sepulturas do *Carvalhal de Turquel*, os machados de cobre de *Valle de Ventos*, e, de uma forma mais positiva, a gruta das *Redondas*.

Além de tudo isto temos ainda o machado perfurado, achado por Carlos Ribeiro numa das grutas do Cabeço de Turquel, e a elle ligados instrumentos neolithicos, especialisando uma esculptura em barro — uma porca — que, com o restante mobiliario, se acham depositados no museu anthropologico de Lisboa.

A pequena esculptura de barro, achada numa gruta tão nitidamente encravada numa região onde os caracteristicos metallicos são tão evidentes, parece-me perder de vez todas as probabilidades da sua origem suspeitamente neolithica, e muito especialmente quando não existem documentos que esclareçam as condições do achado.

Esta esculptura, assim como o machado perfurado, encontrados na mesma gruta, parece-me pertencerem á nota ethnica a que pertencem os pequenos machados encontrados nas grutas que descrevi, e á dos restantes achados avulsamente em terras de Alcobaça.

A forma mais curiosa de machados que conheço é a que se acha realisada no n.º 236, que supponho ser unico em collecções de archeologia. Ainda a substancia escolhida foi a fibrolite, e muito cuidado o seu acabamento. Apresenta nas duas faces, como se vê no desenho, dois gornes no sentido da altura, interceptando o gume. Esses gornes em angulo agudo \/. de nitidas arestas, deixam bem claramente vêr o fim especial a que eram destinados: — suspenso por um fio, e, com toda a certeza, sem destino ao mais leve trabalho. O facto deste curioso instrumento ser achado em Famalicão de Alcobaça, região onde rarissimas vezes se descobrem vestigios neolithicos, mas onde, até certo ponto, apparecem documentos romanos, leva-me, por sua vez, á segura conclusão de que pertence a um periodo de civilisação mais proximo do que o neolithico, ou seja a uma forma ethnica comprehendida entre as edades metallicas e os esboços da civilisação romana.

Parece-me, pois, estar resolvido, quanto a terras de Alcobaça, que os pequenos machados, e outros com buraco de suspensão, não pertencem claramente ao periodo neolithico mas sim a plenas edades metallicas, do cobre evidentemente.

Por tudo o que expuz julgo-os objectos de culto, e por ventura o traço que ligou as velhas armas de pedra á crença quasi universal de que o machado era um producto do ceu. Do mysterioso da superstição, de não cahir um *raio* onde estivesse outro, não se deve excluir a ideia, como forma sobrenaturalmente e poeticamente obrigatoria, de cada um ter em casa esse objecto de culto: — maneira identica á que mais tarde levou á casa do catholico a forma da cruz para afugentar o diabo.

Mas seja qual fôr a origem da crença, é ella ainda hoje do dominio do nosso povo, e com tanta evidencia que muitas e muitas vezes tenho luctado para arrancar um machado das mãos do seu possuidor, que não se quer privar de tão precioso amuleto.

V

Religião provavel

Como um pequeno parenthesis ás minhas notas sobre a archeologia da minha terra, seja-me permittido apresentar aqui uma maneira propria, individual, de attribuir certo grau de religiosidade a dentes perfurados descobertos nalgumas estações de Alcobaça.

Não representa esta simples exposição theorica uma vaidade scientifica, mas apenas referencias que reputo de certo valor para a archeologia.

Bem ou mal acceita, pouco importa ao meu fim; porque, com certeza, della resultará uma observação mais segura em futuros trabalhos de exploração, quando descobertos objectos identicos.

Com o respeito pelos mortos, documentado nas grutas funerarias de Alcobaça, acho baseada, e seguramente a serie de sentimentos moraes que poderam distanciar o homem da ultima fera. O animismo devia ter surgido havia muito; e quantas manifestações de anthropismo não se terão perdido ou não passarão despercebidos aos nossos olhos curiosos, aos nossos raciocinios mal entendidos!

Como seria bello podermos definir, com rigor, a primeira manifestação rigorosamente mental do homem, adivinhar o primeiro objecto do seu culto, a nota creadora da sua primeira religião! Porque eu não comprehendo, nem quero que a mentalidade humana desabrochasse e crescesse, ferida chronometricamente pelas mesmas causas objectivas ou subjectivas, como corrente e usualmente está estabelecido. Não comprehendo como é que um homem que vivia da caça do javardo e do veado, e em lucta constante com individuos *felis* e *canis*, podia ter a aguçar-lhe

e a desenvolver-lhe raciocinios de defeza, as mesmas causas que tinha o que indolentemente, e abrigado nos buracos da *phalaise* das costas, comia ostras e devorava ameijoas. Não quero, porque acho methodizar de mais a intelligencia humana, exigindo uma só maneira de caminhar, uma só maneira de vêr.

A ethnologia universal nem sempre póde dar, com rigor, as phases da nossa prehistoria, nem em desenvolvimento phisico e mental, nem em sentimentos moraes, nem em formação de religiões, nem em maneiras de culto. E eu tenho visto em excesso tirar partido della para explicar o *modus-vivendi* do nosso avô neolithico.

Se me fosse possivel descrever o nosso velho ascendente, a bocca da sua gruta, ensombrada de larga ramaria, talhando silex ou polindo machados, eu creio que elle ao primeiro ruido suspeito voltaria rapidamente a cabeça interrogando o mais profundo da floresta. É que na visinhança havia lobos e javardos que podiam matar ou ferir os seus companheiros de trabalho, embora elles, a esse tempo, constituissem mais elementos de defeza do que propriamente elementos de familia. Elle proprio, como os companheiros, corria perigo nas suas mais largas excursões e quantas vezes elle teria de combater uma fera que lhe discutia os restos de uma rez abatida.

Não era o similhante que aqui vivia visinho, e, porventura, em sonhada communidade, que elle receava e com quem tinha de combater. Era mais alguma coisa. É que elle, quando caçava nas ingremes e escarpadas encostas, nas pequenas e curtas planuras adivinhadas sómente pelo declive mal definido das mattas virgens e monumentaes, era seguido por outros caçadores que o visavam, castanholando as mandibulas sedentas e crueis. Um descuido, o mais pequeno, era o momento fatal da sua perda. Era uma guarda de honra que tambem caçava, ou os restos de um grande animal que não podia transportar-se, ou que mirava para melhor presa o proprio caçador. Quantas vezes um grunhido ameaçador da fera, recuada em guarda para o ataque, de cabellos hirsutos, orelhas deitadas, tromba estendida, labios arregaçados, a deixar vêr os dentes brancos e acerados, não obrigaram o nosso avô a deixar-lhe a caça para não lhe ceder a propria vida?

O homem fugia; ou se luctava era ferido ou vencido pelos dentes brancos e acerados da fera.

Nos dias mais felizes, em que numa clareira surgia um javardo, elle despedia-lhe um tiro de flecha, e, ferido o animal, seguia-o, prompta a lança ou a maça a derrubal-o. Embriagado de prazer avançava, luctava, e a rez, nos ultimos arrancos de vida, incidia no homem todo o vigor da vingança, toda a ancia da defeza.

O homem sahiria victorioso, mas não poucas vezes ferido pelo dente branco, poderoso, comprido, anavalhado do porco.

Outras vezes, quando os veados pastavam lá mais longe, na verdura do fundo dos valles, amorosos e elegantes, numa grande exhibição de femeas, o homem des-

cia cautelosa e silenciosamente, armava no arco a melhor flecha, e um tiro certeiro e bem dirigido fazia baquear o esbelto animal. O homem corre sobre elle para que não fuja; a lança fere-o, as dôres excitam-n'o: o pobre animal tenta fugir mas não póde. E num momento tenta o ultimo esforço, a vêr se colhe o seu inimigo. Se o consegue, saccode-lhe uma cornada violentissima e, com as pontas multiplas e lusidias da sua esbelta cornadura, rasga as carnes do homem que só a coberto conseguiu dominal-o e vencel-o.

E o homem sahiria vencedor, mas não poucas vezes ferido pela esbelta cornadura do veado.

E eis esboçada, a meu vêr, a sua primeira religião, referida aos objectos que o feriam e de que elle só tinha mêdo.

As religiões primitivas, e isto está assente, resultam, em geral, de tres grandes causas: — o mêdo, a admiração e a gratidão. Sobre esta trindade assentou tudo quanto julgava sobrenatural ou superior a si; e o anthropismo invadiu tudo o que elle temia.

Eu não conheço coisas que mais espantem do que as creações da mentalidade na dura dominação do mêdo. O mêdo transforma-se em culto pelo objecto que o inspira como, aliás, outras maneiras mentaes se transformam, e o culto surge invariavelmente como o producto de uma longa sujeição physica ou moral, ou como o parto de uma longa gestação de mêdo ou de admiração. As multiplas e variadas causas de culto são tantas e tão variadas como os proprios objectos a que elle se refere. E não me parece que o homem que vivia nas *phalaises*, comendo ostras colhidas pacificamente nas marés favoraveis, fosse ferido pelas mesmas causas que o outro que tinha de luctar para comer.

A mentalidade do primeiro devia desenvolver-se com orientação muito diversa da do segundo.

Para o que tivesse de luctar com feras havia de ser a zoolatria a primeira religião, referida a uma causa: — o mêdo, — encarnada noutra causa ao mesmo tempo objectiva e subjectiva: — a força. Para o outro não sei, que não o tenho estudado; mas, todavia, afigura-se-me vêl-o deitado ao sol, aquecendo a sua pelle vellosa e escura, numa funda gratidão por essa causa que lhe traz o bem estar, que o aquece, e não estou longe de crer que na astrolatria esteja a sua primeira religião.

E insisto ainda sobre a zoolatria, em diversos caracteres como religião do primeiro, porque isto importa a este estudo.

O homem do Carvalhal, tendo como armas de defeza o machado, a maça, a lança, a flecha, productos de um demorado raciocinio e de uma urgente necessidade, ia combatendo inimigos de força superior á sua; para sahir victorioso tivera que inventar armas, que, se por um lado lhe davam superioridade, por outro lhe

iam atrophiando pouco a pouco a musculatura e agilidade naturaes. Para vencer já era preciso ferir a distancia, e isto mesmo para animaes de inferior ou de igual corpulencia. O homem reconhecia-se, como ainda hoje, inferior a pequenissimos animaes. E essa inferioridade, não estava, nem está ainda, no poder da musculatura, está na differença das armas offensivas e defensivas.

O homem para vencer tivera que inventar armas; o animal vencia com as suas armas naturaes. E eis a differença.

Na lucta travada com diversos individuos de *canis, felis, sus* e *cervus*, o homem, como expuz, sahiria vencedor, mas não poucas vezes ferido. A superioridade desses inimigos provinha das armas com que a natureza os dotára, armas com que o feriam, com que o dominavam, com que o subjugavam. E esses animaes feriam-n'o, subjugavam-n'o com os dentes, com os caninos fortes e acerados — que num momento de dôr lhe dilaceravam as carnes e mantinham sob a pressão da horripilante mandibula. O cervo rasgar-lhe-ia as carnes com as duplas pontas da sua graciosa cornadura.

Para o nosso ascendente toda a força, toda a superioridade do animal residia nas armas com que esse animal o feria.

Não era a lucta com os pequenos ruminantes ou grandes herbivoros que elle temia. Não temia a lucta com as aves, com os roedores. Temia simplesmente a lucta com os individuos apontados: — de *canis, felis, sus* e *cervus*.

O que feria e vencia o homem não era todo o animal, não era a sua corpulencia, a sua musculatura: — eram os dentes e os cornos, objectos de toda a força, symbolos de todo o poder.

E o que é notavel é que não só na collecção de Alcobaça, mas nas restantes collecções portuguezas, e ainda o que a litteratura de especialidade nos diz das collecções extrangeiras sejam os dentes de *canis, felis, sus* e as pontas de *cervus*: os objectos animaes preferidos para enfeites, como invariavelmente se lhe chama; e que não se tenha visto nesse exclusivismo mais alguma coisa do que simples enfeites, mas o que elles realmente devem ser: — verdadeiros objectos de culto referidos á religião da Força. E é muito curioso e muito notavel que esta religião não esteja entendida.

A serie de fórmas mentaes por que passou essa crença até que o objecto de culto se transformasse em singello amuleto, é que não será facil expôr, com os estudos que ha feitos em archeologia e ethnologia. Todavia essa crença, mais ou menos atavisada, como aliás quasi todas as formulas religiosas, é universal, e nós vêmos na Africa, America e Australia verdadeiros collares feitos com caninos de *canis* e *felis*. Ainda ha pouco na Sociedade de Geographia eu conferia muitos collares d'essas procedencias, feitos com essa especie de dentes.

A garra ou o dente de um grande animal vencido, ainda hoje constitue tropheu glorioso de caçador. A crença primitiva esqueceu, transformou-se, como outras que adeante exporei, mas a predilecção pelo objecto, o atavismo, manteve-se.

Mas o homem primitivo ferido pelas garras e pelos dentes que naturalmente não tinha, era a esses objectos que elle natural e intuitivamente ligava toda a causa sobrenatural que o feria. Se fosse possivel tirar a esses animaes os dentes e as garras nada teria que recear delles. E foi esta ideia que numa exaltação nervosa e emmocionante rompeu e se transformou em facto. Arrancar os dentes que o feriam, trazel-os comsigo, podiam dar-lhe a força extraordinariamente superior que elles tinham na mandibula ameaçadora do carnivoro com que luctara. Feito isto, eis o dente, o canino, preferido por milhares de gerações, transformado em objecto de culto, um mixto de objectivo e subjectivo que symbolisa: — a força. E devia ser assim que o canino se transformou em objecto de crença e mais tarde em amuleto. E foi assim que elle entrou nos dominios do *Symbolismo.*

Se eu quizesse entrar no dominio da ethnographia e sociologia modernas para dar mais valor á ideia de religiosidade referida aos dentes perfurados que existem nas collecções de archeologia prehistorica, poderia fazel-o, mas como uma simples apparencia de verdade, como um simples testemunho de erudição. Poderia citar mesmo verdadeiras manifestações e formas de regressão religiosa, se a ethnica não fosse, no estado actual da humanidade, mais o producto de longas, repetidas e mal definidas suggestões, do que a forma de ser, de operar, de sentir, isto é, a expontanea maneira de ser dos povos.

Essas suggestões, trazidas de longe, não são um producto da minha phantasia. Documentam-se facilmente e prova-se com a maior facilidade que o poder, o culto, o sobrenatural referidos a muitos objectos se perdeu, se confundiu, se inverteu.

Concorreram extraordinariamente para esses effeitos factores enormes com que se não conta. Vejam-se os antigos tratados de medicina e pharmacia, estudem-se os curandeiros, as feiticeiras, as mulheres de virtude, os padres, e veja-se o seu maravilhoso papel na grande lista das superstições, dos preconceitos, do empyrismo, e tirem-se as verdadeiras conclusões.

Para documento do resultado errado no estudo comparativo, operado isoladamente, e chegando a conclusões que illudem, vejam-se muitos objectos de extinctas religiões que hoje estão servindo e outras, sem referencias á sua origem.

Veja-se a *figa* inicialmente um symbolo da *religião da geração* e que hoje livra quebrantos e maus olhados, o *cornicho* que era outra manifestação de phallotatria e que hoje livra de bruxas e maus olhos, — e que ainda hoje as mulheres, com uma certa graça de occulta obscenidade recommendam para as raparigas, por que com os rapazes não entram as bruxas.

A propria *meia lua*, o gracioso crescente que pende do pescoço das creanças e da testa das bestas tendo ao centro suspensa uma estrella, eram formas do culto astrolatrico, cuja origem se perde.

A *pedra de ara*, do altar christão é, fundamentalmente, uma manifestação da litholatria.

O *cordeiro* do Baptista, a *serpente* da Conceição e muitas formas de superstição popular referidas ao mocho, á coruja, á andorinha, a certos insectos como a abelha, a *louva a Deus* (mantis religiosa) etc., são verdadeiras sobrevivencias da zoolatria.

O *cepo do natal* e outras formas de respeito pelo fogo pertencem á pyrolatria.

A phitolatria está perfeitamente documentada na superstição popular referida á oliveira, ao alecrim, ao rosmaninho, etc.

O proprio christianismo é uma synthese de quasi todas as religiões antigas, com toda a riqueza de amuletos a que chamam *bentinhos*, *veronicas*, *medidas*, etc., e com todo o ceremonial de culto. É que o christianismo para se impor teve que sagrar grutas, arvores, pedras, etc. É forma vulgar em todos os paizes da christandade, o *Senhor da Pedra*, a *Senhora da Oliveira*, a *Senhora da Buraquinha*. Estas denominações indicam claramente que na pedra se insculpiu uma imagem de Christo para desviar qualquer acto de litholatria, e que nas arvores, nas grutas, se promoveu o apparecimento de uma imagem para desviar ou fazer esquecer qualquer manifestação de litholatria ou de phitolatria.

Estude-se na ethnologia popular a indifferença com que se misturam, se confundem symbolos de diversissimas religiões, e concluir-se-á que o mesmo objecto tem poder referido a coisas differentes, conforme a vontade do ultimo curandeiro ou da ultima mulher de virtude.

Ha pouco tempo tive e conferi num *cinto de virtude* para creanças, diversas formas curiosas: — *medalhas de caracter catholico*, *sino samão*, *figas*, *cornos de carocha* (antenas de Lucanus), *bentinhos*, *meia lua*, *sementes de mostarda* e *folhas de arruda*. Uma perfeita metralha de amuletos. Convem notar que a meia lua deste cinto de virtude tem gravado J. M. J. (Jesus, Maria, José).

Outras vezes, numa enorme confusão, pende um complexo symbolo do pescoço das creanças, e nesse symbolo, e encimados pela imagem da Conceição descançada sobre o crescente, succedem-se duas flechas em aspa atravessando um coração chammejante, outro crescente, uma figa, *sino samão* e uma chave.

Além disto ha muitos objectos de superstição, verdadeiros amuletos, que foram introduzidos pela litteratura antiga. Outros vieram das longas viagens, e porventura dos nossos descobrimentos.

Da Africa, Asia e America veio muito, e comprehende-se que tudo fosse recebido sem mais analyze, sem mais criterio do que o que era pedido pela ancia da novidade. As descripções dos marinheiros e viajantes, inconscientemente cheias de enthusiasmo e de exagero, cahiam inesperadamente no espirito desse pobre povo ignorante e trabalhador, e ahi eram recebidas e entendidas conforme o seu estado mysterioso e nublado de crenças.

O mais novo, o mais incomprehendido é sempre o melhor, e elle acceitava tudo e tudo praticava, numa grande grosseria de processos, tudo o que os parentes e amigos de lá lhes traziam e cujas virtudes lhes descreviam numa grande riqueza de commentarios. A India, uma grande parte da Africa e America, transformaram-se em verdadeiras fontes de objectos de culto, e foram uma grande mina para a medicina empyrica. De lá vinham as pedras de virtude, as hervas, os lenhos, os productos animaes, como ainda hoje veem em grande parte. Na medicina opera-se uma verdadeira revolta, e como ella era geralmente uma *sciencia de fé*, verdadeiramente subjectiva, diffundia-se no campo das crenças, e dividia-se dando o amuleto, symbolo do poder transcendente, dando o remedio, mixto do objectivo e subjectivo.

Destes factos poderia citar muitos documentos, se estivesse fazendo uma especial monographia.

Ora todos estes elementos concorreram poderosamente para se confundir o effeito, a virtude, o poder dos amuletos, e resulta portanto que do estudo da ethnologia e sociologia actuaes se não pode deduzir o culto referido a certos objectos de archeologia prehistorica, como actualmente se está fazendo, e que se não pode provar que o attribuido poder primitivo chegasse até nós.

Basta para isto, vêr o poder referido na ethnologia popular e quasi universal ás *pedras de raio*, para provar que a humanidade, numa ingratidão tão caracteristicamente definida, nem para esse precioso objecto manteve a natural origem. Foi dar o poder creador das *pedras de raio* ao ceu, e transformou-as num objecto com que o Supremo Deus o castigava nos momentos de indignação (no *Dies iræ*), e esqueceu que elle representava nas mãos de um seu ascendente uma poderosa arma de defeza. Esqueceu que é a esse simples objecto que a humanidade fraca e desarmada deve talvez a sua existencia. Esqueceu emfim que foi com elle que as longinquas gerações conseguiram atravessar milhares e milhares de seculos, e que foi com elle que conseguiram escapar da verdadeira, constante e perigosissima lucta pela vida.

O amuleto, como ainda hoje affirma a nossa ethnologia, representa um poder occulto, transcendente, que serve para dar ao portador uma força mysteriosa que não teria se o não possuisse.

Ora os factos deduzidos da forma *similia similibus* [1] não são muito numerosos; são rarissimos até; e eu creio que a sua quasi totalidade terá origem numa antiquada forma therapeutica, que hoje, modificada, tenta rejuvenescer, e que se

---

[1] Refiro esta por ser a preferida pelo sabio philologo e meu amigo Leite de Vasconcellos, nas «Religiões da Lusitania», e por não me parecer que a mais segura forma de interpretar os dentes perfurados achados em jazigos neolithicos, seja incluida na formula *similia similibus*.

póde definir no velho adagio popular: — *curar a mordedura do cão com o pêllo do mesmo cão;* isto é uma maneira de curar doenças de visceras e glandulas, fazendo ingerir ao doente glandulas e visceras de animaes sãos, que por *sympathia occulta* levam aos orgãos doentes todos os elementos de saude. Esta viscerotherapia fez epoca, e com tanta insistencia que ainda hoje se refere e se discute, a ponto de dar origem á verdadeira opotherapia; e ambas pertencem a um extraordinario dogmatismo.

Pois esta maneira de curar veio dar uma nova orientação aos amuletos, e é nella que se deve procurar a origem dos amuletos que curam por *semelhança.* Questões de graciosissima suggestão — ou de profundissima fé — que assim se diz em linguagem vulgar.

Uma outra forma curiosa de amuleto, é a *conta leiteira* primitivamente de *galactite* e hoje de simples vidro opalisado. É que a *galactite*, um composto de calcio, tem a propriedade de se dividir, parcialmente, em contacto com a agua, transformando-a num liquido leitoso. E ainda hoje na minha aldeia se guardam religiosamente *contas leiteiras*, isto é, contas que teem a propriedade de produzir a secreção lactea ás mulheres que não a teem.

Uma outra especie de amuletos e a mais curiosa pelo extraordinario das substancias, é aquella que se perde nas profundezas da analyse, e que é aconselhada pela velha medicina, desde Dioscorides, [1] Curvo de Semedo [2] até á Pharmacopea tubalense, que é o grande repositorio das formulas usadas pelo velho empyrismo.

O que todavia noto em todos os velhos compendios de medicina é que a maior parte dos amuletos animaes — permitta-se a phrase — se empregavam para a cura de doenças nervosas, como o hysterismo (tomado do diabo), e para as manifestações mais nitidas do que hoje se chama *neurasthenia.* Vejo que todos os amuletos que pertencem á formula *similia similibus*, deveriam ter surgido com a viscerotherapia, e que Dioscorides não os traz. Insisto ainda neste ponto, e posso affirmar que o poder amuletico dos dentes, em geral, é mais contraveneno do que outra coisa; e que os dentes-amuletos que eu considero producto de litteratura antiga, de viagens, da medicina dogmatica não pertencem só ás tres familias *canis*, *felis* e *sus* mas que pelo contrario se alargam extraordinariamente.

Veja-se na *Pharmacopea tubalense* e na *Poleanthea midicinal* os artigos referidos a dentes de Angala, de elephante, de porco montez, de porco espinho, de toupeira, etc., e concluir-se-á que o exclusivismo da crença neolithica não poderá ter muito de commum com a forma *similia similibus.* Creio tel-o demonstrado.

E nesta crença, parece-me poder deduzir com segurança:

---

[1] Dioscorides, annotado por Laguna, ed. de 1667 — pag. 563, 564, 566, etc. cf.

[2] Cf. Polyanthea medicinal — pag. 184, 186, etc., pag. 537, etc.

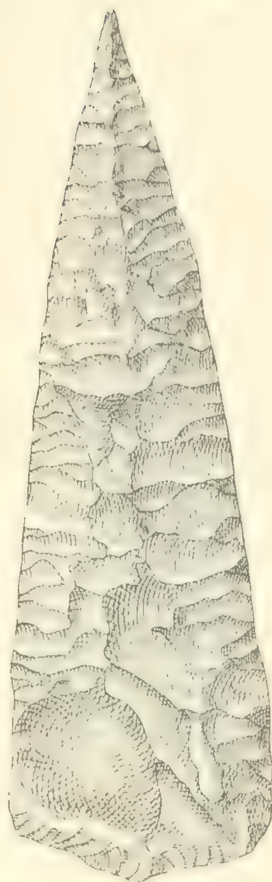
1.° — que aos dentes perfurados das tres familias — *canis*, *felis* e *sus*, e ás pontas de veado, igualmente perfuradas se deve ligar a idéa, de symbolos da religião da *Força*, exclusivo producto de um estado mental que não distinguia ainda, com definida clareza, o objectivo do subjectivo.

2.° — que para attribuir a esses dentes uma religiosidade mixto de crença e de remedio indirecto, é preciso um desenvolvimento mental que não me parece compativel com o homem neolithico.

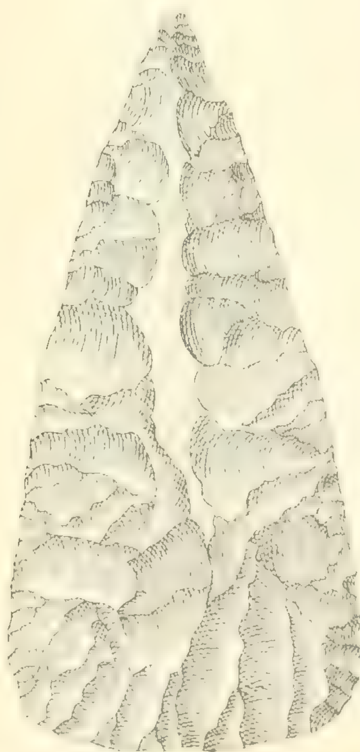
3.° — que para outra coisa que não seja a interpretação da religião da *Força* é precisa a creação e classificação de *genios*, isto é — e permitta-se a phrase — de entidades abstractas, o que não está demonstrado no que ha feito sobre archeologia prehistorica.

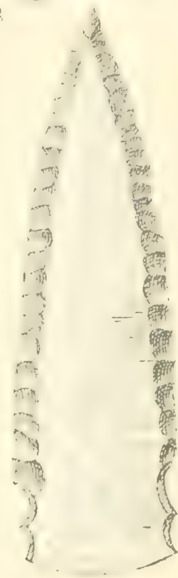

1


2


3

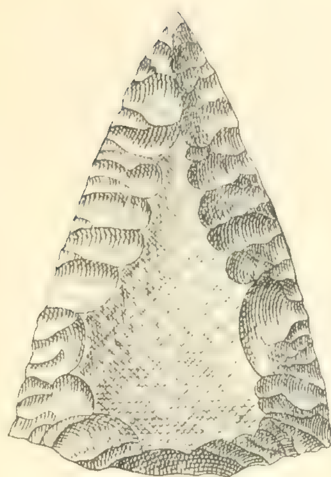

4


5


6



7



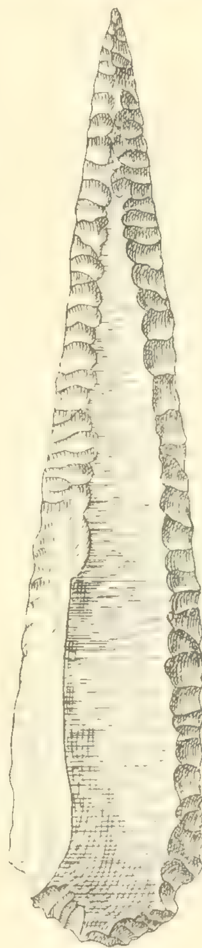
8



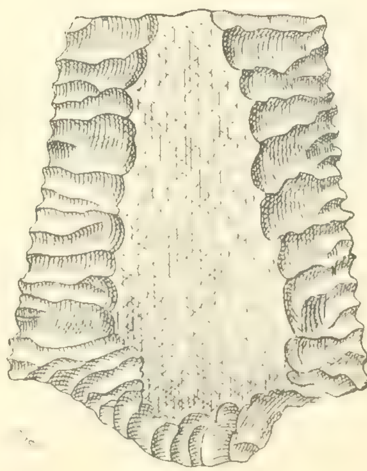
9



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27

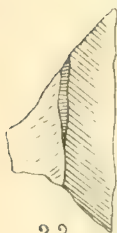

28


29

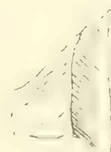

30


31


32


33


34

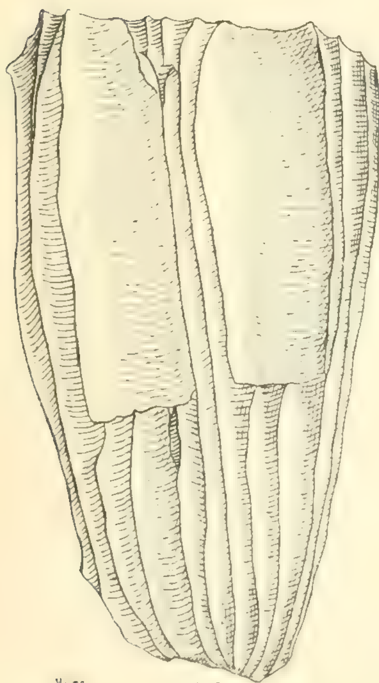

35


36


37


38

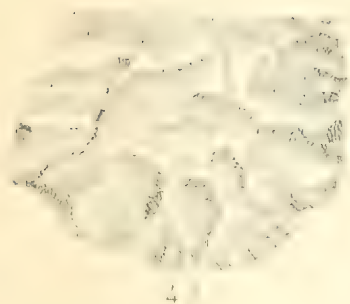

39



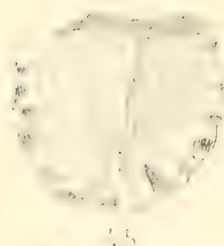
40


41

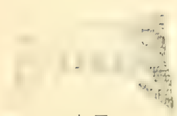

42











47









51











56



57





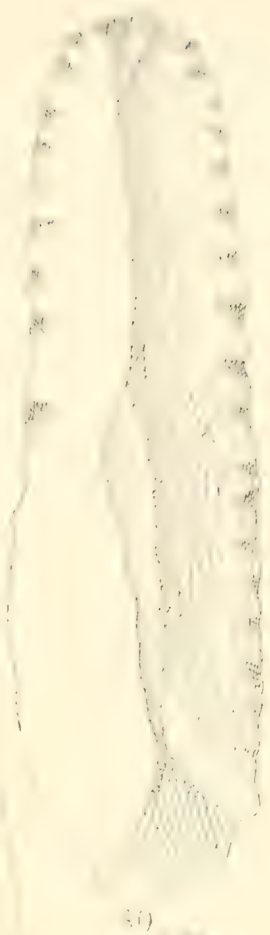
59



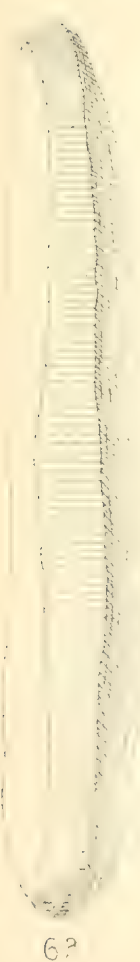
61



62



60



63

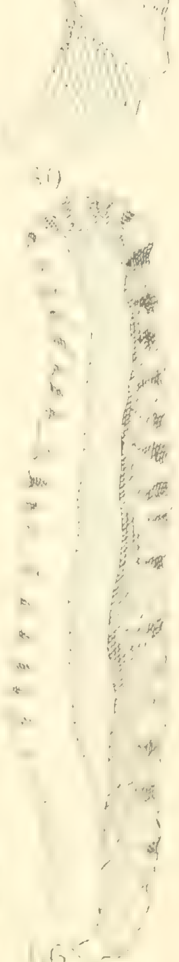


64

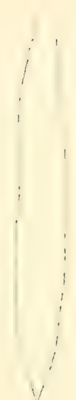




67



68

68



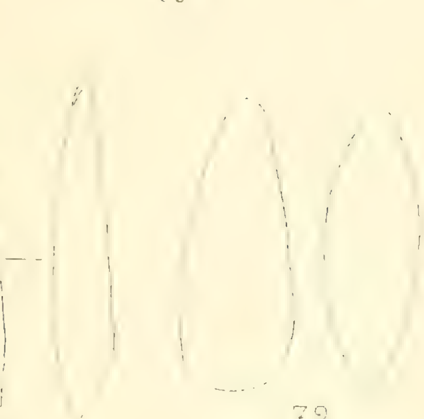

69



70



71



72



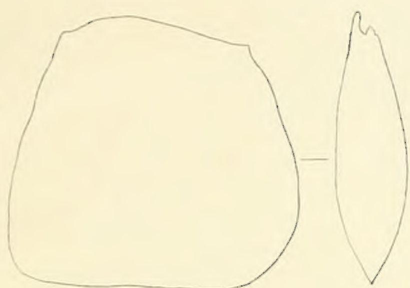
73

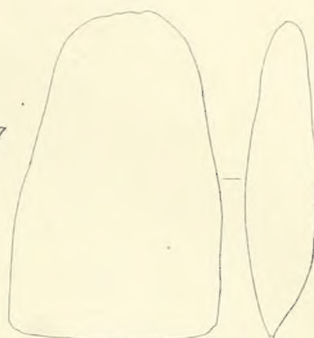


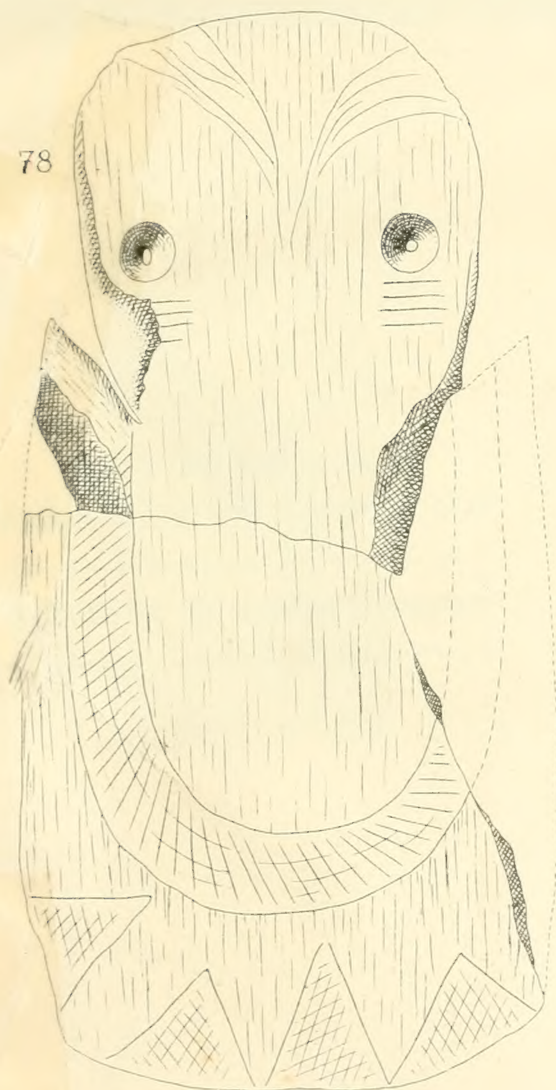
74

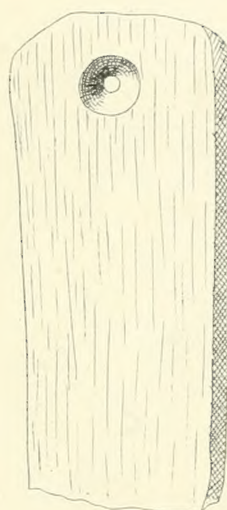


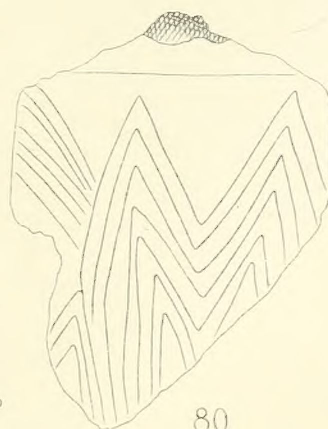
75


76


77


78


79


Hugo
80